

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA**

DÉBORA REGINA PUPO DE LIMA

**INICIAÇÃO CRISTÃ E CATEQUESE COM ADULTOS: UM CAMINHO PARA O
DISCIPULADO.**

CURITIBA

2014

DÉBORA REGINA PUPO DE LIMA

**INICIAÇÃO CRISTÃ E CATEQUESE COM ADULTOS: UM CAMINHO PARA O
DISCIPULADO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral – Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio José de Almeida

CURITIBA

2014

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

Lima, Débora Regina Pupo de

L732i Iniciação cristã e catequese com adultos : um caminho para o discipulado /
2014 Débora Regina Pupo de Lima ; orientador, Antonio José de Almeida. -- 2014.
98 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2014

Bibliografia: f. 93-98

1. Educação cristã. 2. Catequese. 3. Catecumenato. 4. Sacramentos.
5. Teologia. I. Almeida, Antonio José, 1949-. II. Pontifícia Universidade Católica
do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 200

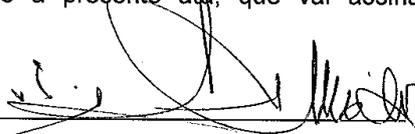


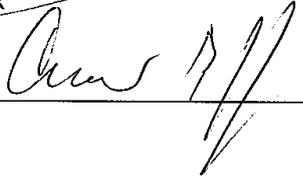
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 88
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

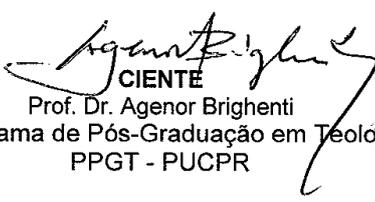
DÉBORA REGINA PUPO DE LIMA

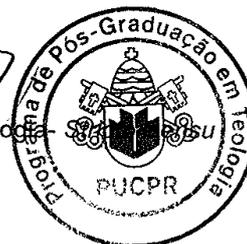
Aos cinco dias, do mês de agosto de dois mil e catorze, às catorze horas, reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Antonio José de Almeida, Clodovis Boff e Leomar Antonio Brustolin para examinar a Dissertação da candidata, **Débora Regina Pupo de Lima** ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado e Doutorado, no primeiro semestre de dois mil e doze. Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: **"Iniciação Cristã e Catequese com Adultos: Um Caminho para o Discipulado.** A candidata fez uma exposição sumária da Dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16:00 h ____ min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Antonio José de Almeida 
Presidente/ Orientador - PUCPR

Prof. Dr. Clodovis Boff 
Convidado Interno - PUCPR

Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin 
Convidado Externo - PUCRS


CIENTE
Prof. Dr. Agenor Brighenti
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia -
PPGT - PUCPR



A minha mãe, Maria Conceição Pupo,
mulher forte, mulher de fé. Na sua
simplicidade, mostrou - me que o
discipulado é seguir o Mestre em todos os
momentos, mesmo que, por vezes, não
se consiga compreender.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela oportunidade de me aprofundar no ministério da catequese e assim conhecer um pouco mais da grandeza da fé.

A Celia Puppo Duarte, minha tia, e toda a sua família, por ter me acolhido em Curitiba e participar da construção deste saber.

A minha mãe e meus familiares, pela acolhida, apoio e compreensão, em todos os momentos.

Respeitosamente, ao meu orientador, Pe. Antonio José de Almeida, pela paciência, apoio e proximidade, em cada etapa da pesquisa, e assim, não permitir que o foco fosse perdido e, nem mesmo, a profundidade e seriedade ficassem comprometidas.

A Dom José Antonio Peruzzo, e em sua pessoa, a toda a diocese de Palmas – Francisco Beltrão, pela confiança e incentivo, através dos quais, foi possível a realização deste estudo.

A todos (as) catequistas da diocese de Palmas – Francisco Beltrão, em especial aqueles (as) que se dedicam à catequese com adultos, por partilharem da certeza de que é possível acreditar, e realizar, um caminho para o discipulado.

“Conhecer a Jesus é o melhor presente
que qualquer pessoa pode receber;
tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas,
e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”.

(DAp 29)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é aprofundar o estudo sobre a iniciação cristã, compreendida dentro de um processo de renovação da catequese, bem como, aprofundar a compreensão da catequese com adultos como processo de formação para o discipulado. O presente estudo, embasado num trabalho de pesquisa bibliográfica, busca, também, situar-se na caminhada catequética da diocese de Palmas – Francisco Beltrão, com o intuito de verificar a plausibilidade de um projeto de catequese que enfatize a centralidade de Jesus Cristo, da Palavra de Deus e a importância dos Sacramentos. E, assim, oportunizar aos catequizandos adultos a encontrar-se com Cristo, deixar-se transformar por ele, assumir sua vocação e testemunhar a própria fé. Organizado em três capítulos, busca-se contemplar três momentos específicos: no primeiro capítulo, ver a realidade da caminhada catequética realizada, na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, em relação ao cenário brasileiro e universal e o despertar para a iniciação cristã; no segundo capítulo, iluminar, através da fundamentação teórica sobre a iniciação, os desafios e projetos pensados em relação à catequese; e, no terceiro capítulo, apresentar uma proposta de ação pautada pela iniciação cristã e o catecumenato de adultos, desenvolvida na diocese supracitada.

Palavras-chave: iniciação cristã, catequese com adultos, discipulado, sacramentos.

ABSTRACT

The objective of this study is to improve the study of Christian initiation, understood within a process of renewal of catechesis, as well as improve the understanding of catechesis with adults as training for discipleship process. This study, based on a work of literature, also seeks to be in the catechetical walk the diocese of Palmas - Francisco Beltrão, in order to verify the plausibility of a project of catechesis that emphasizes the centrality of Jesus Christ, the Word of God and the importance of the Sacraments. Thus catechized adults to create opportunities to meet with Christ, letting oneself be transformed by him, take his mission and witness to their faith. Organized into three chapters, this paper seeks to fulfill three specific moments: The first chapter shows the reality of catechetical walk held in the diocese of Palmas - Francisco Beltrão, compared to the Brazilian and the universal scenario and the awakening of Christian initiation; The second chapter looking for illuminating, through theoretical reasoning on the initiation, the challenges and designed projects in relation to catechesis; and the third chapter, presents a proposal for action guided by the catechumenate and Christian Initiation of Adults, developed in the aforementioned Diocese.

Keywords: Christian initiation, catechesis with adults, discipleship, sacraments.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
ASSESOAR	Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural
CIgC	Catecismo da Igreja Católica
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i>
CDP	Conselho Diocesano de Pastoral
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada: Orientações e Conteúdos
CT	Exortação Apostólica <i>Catechesi Tradendae</i>
DCG	Diretório Catequético Geral (1971)
DGC	Diretório Geral para a Catequese (1998)
DAp	Documento de Aparecida
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015)
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
2ºPB	Segundo Plano Bienal (1971)
PE	Plano de Emergência (1962)
PPC	Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970)
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
2ªSBC	Segunda Semana Brasileira de Catequese (2009)
3ªSBC	Terceira Semana Brasileira de Catequese (2001)
SC	Constituição <i>Sacrosantum Concilium</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O PERCURSO HISTÓRICO DA CATEQUESE NA DIOCESE DE PALMAS-FRANCISCO BELTRÃO (1933-2013).....	15
1.1 DADOS HISTÓRICOS SOBRE A DIOCESE DE PALMAS – FRANCISCO BELTRÃO.....	15
1.2 PRIMEIRA FASE (1936-1970): ENTRE O VELHO E O NOVO.....	17
1.2.1 O modelo tradicional na igreja de Palmas: a catequese no episcopado de Dom Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Melo.....	17
1.2.2 Sinais de um novo tempo na Igreja universal e no Brasil.....	18
1.2.3 A Catequese no contexto do Concílio Vaticano II.....	20
1.2.4 ASSESOAR: uma recepção do Vaticano II.....	23
1.3 SEGUNDA FASE (1970-2005): O NOVO E SUAS MODULAÇÕES.....	25
1.3.1 A catequese no episcopado de Dom Agostinho José Sartori.....	25
1.3.2 Documentos importantes nesse período: a catequese em âmbito universal e nacional.....	27
1.3.2.1 A catequese no Diretório Catequético Geral (1971).....	28
1.3.2.2 A Contribuição da <i>Evangelii Nuntiandi</i> (1975).....	29
1.3.2.3 O Sínodo sobre a catequese (1977) e a <i>Catechesi Tradendae</i> (1979).....	30
1.3.2.4 A "Catequese Renovada" da CNBB (1983).....	31
1.4 TERCEIRA FASE (2005-2013): O DESPERTAR DA INICIAÇÃO CRISTÃ NA DIOCESE DE PALMAS - FRANCISCO BELTRÃO.....	35
1.4.1 A catequese no episcopado de Dom José Antonio Peruzzo.....	35
1.5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	38
2. INTERPELAÇÕES À CATEQUESE A PARTIR DA INICIAÇÃO CRISTÃ.....	40
2.1 IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CRISTÃ.....	40
2.1.1 De uma época de mudanças a uma mudança de época.....	40
2.1.2 Desafios para a catequese.....	43
2.1.3 Iniciação cristã: aprofundando a compreensão.....	46
2.1.4 Catecumenato: história e resgate.....	50
2.1.4.1 Breve histórico do desenvolvimento do catecumenato.....	50
2.1.4.2 O resgate do catecumenato.....	52

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS DOCUMENTOS DA IGREJA NA COMPREENSÃO DA INICIAÇÃO CRISTÃ.....	53
2.2.1 A iniciação cristã conforme o RICA.....	53
2.2.1.1 Pré-catecumenato.....	55
2.2.1.2 Os ritos do catecumenato.....	59
2.2.1.3 Tempo da purificação e iluminação.....	61
2.2.1.4 Mistagogia.....	62
2.2.2 A iniciação cristã na <i>Catechesi Tradendae</i> e na Catequese Renovada.....	62
2.2.3 A iniciação cristã no Catecismo da Igreja Católica e nos Diretórios, Geral e Nacional, da Catequese.....	65
2.2.4 A iniciação cristã no processo de formação do discípulo missionário: contribuição do Documento de Aparecida (VI cap.) e do Estudo 97 da CNBB.....	67
2.2.5 A iniciação cristã como tema da 3ª Semana Brasileira de Catequese e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015).....	70
2.3 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	71
3. CATEQUESE COM ADULTOS E INICIAÇÃO CRISTÃ: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA O DISCIPULADO.....	75
3.1 A CATEQUESE COM ADULTOS: DESENVOLVIMENTO TEÓRICO.....	75
3.1.1 Com adultos, catequese adulta: 2ª Semana Brasileira de Catequese e o Diretório Nacional de Catequese.....	77
3.1.2 Catequese com adultos e o discipulado.....	79
3.2 CATEQUESE COM ADULTOS: UMA PROPOSTA DIOCESANA DE FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS.....	83
3.2.1 Explicitação da proposta diocesana de uma catequese para o discipulado.....	85
3.2.1.1 Ano de 2011: estudo.....	85
3.2.1.2 Ano de 2012: formação de lideranças nas paróquias e, especificamente, dos catequistas na diocese.....	86
3.2.1.3 Ano de 2013: catequese de iniciação à vida cristã com adultos, em estilo catecumenal.....	87
3.2.1.4 Ano de 2014: avaliação e consolidação da Catequese com Adultos.....	89
3.3 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	90
CONCLUSÃO FINAL.....	92
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

Pensar a iniciação cristã significa pensar a ação pastoral da Igreja como espaço de encontro com a pessoa de Jesus Cristo, encontro capaz de transformar a vida e levar o fiel a assumir sua vocação de batizado tornando-se um discípulo missionário.

Por uma precisão terminológica, neste estudo, optou-se pela terminologia “iniciação cristã”. A justificativa dá-se pelo fato de que a maioria dos documentos, utilizados na pesquisa, faz uso da expressão “iniciação cristã”, ao invés de “iniciação à vida cristã”. De fato esta surge, com mais frequência, a partir do Estudo 97 da CNBB: Iniciação à Vida Cristã de 2009. Outra justificativa para a escolha é que, ao longo do estudo, compreende-se que “iniciação cristã” é também “iniciação à vida cristã”, visto que se pensa numa dinâmica de formação marcada pelo momento sacramental que leve o fiel ao encontro pessoal com Jesus Cristo (DAp 289).

Embora assumida com afinco pela catequese, a proposta da iniciação cristã precisa ser colocada, no centro da ação pastoral, como uma dinâmica que convida a todas as pastorais e movimentos da Igreja a se tornarem espaço de encontro e mudança de vida.

A partir do Vaticano II (1962-1965) percebe-se maior atenção dos documentos em relação à iniciação cristã e, na linha específica da catequese, as reflexões apresentam caminhos e possibilidades para uma nova compreensão de elementos essenciais ao processo catequético.

Mais recentemente a Conferência de Aparecida (2007) propicia à Igreja da América Latina e Caribe um momento de avaliação, retomada e projeção. A interpelação de Aparecida, em relação à iniciação cristã (cf DAp, 287), traz para a catequese uma nova perspectiva em que aprofunda conceitos fundamentais para o processo de educação da fé, destaca a necessidade de tornar-se um espaço privilegiado de encontro com Jesus e sua mensagem e leva ao discipulado (cf. DAp, 288).

Em cada época a catequese é desafiada pela realidade social e cultural em que está inserida. No contexto atual percebem-se mudanças que geram desafios, tanto para catequistas, como para catequizandos. Faz-se necessário, então, redescobrir o sentido da iniciação e buscar caminhos que levem ao encontro pessoal com Jesus Cristo e ao seguimento.

O presente estudo intui aprofundar o tema da iniciação cristã, compreendida dentro de uma proposta de renovação, que apresenta a possibilidade de se pensar a catequese como processo para o discipulado, e, por isso, ao longo da pesquisa, procura - se observar a aplicabilidade, ou não, da proposta.

A discussão sobre a iniciação cristã envolve, também, a temática do catecumenato. Ao considerar a caminhada catecumenal, a atenção da pesquisa se volta para a catequese com adultos na tentativa de identificar uma possível relação com o discipulado.

Em vista da relevância do tema, a pesquisa busca, nas fontes históricas da catequese, a importância de uma pedagogia que oriente catequistas e catequizandos para a vivência da fé como compromisso de adesão à pessoa de Jesus Cristo e ao seu Evangelho.

Como a catequese é uma ação pastoral que só se pode compreender quando inserida na realidade da comunidade, o estudo situa-se numa realidade pastoral concreta: a diocese de Palmas – Francisco Beltrão e seu caminho de crescimento para uma catequese, cada vez mais atenta, aos sinais de cada tempo. O fato de situar o estudo, nesta diocese, pretende ajudar a perceber o empenho da pastoral diocesana, em assumir a catequese como prioridade, assim como, a viabilidade de uma real renovação.

Embora relativamente nova, a diocese tem apenas 56 anos¹, está sob os cuidados pastorais do terceiro bispo, desde a sua fundação, a caminhada da catequese pode contribuir no aprofundamento da reflexão sobre a iniciação cristã.

Trata-se de uma pesquisa, preponderantemente bibliográfica, através de obras e artigos, que pretende auxiliar na compreensão da caminhada histórica da catequese. Além da pesquisa em documentos da Igreja e obras literárias pertinentes ao tema, utilizam-se, para o levantamento dos dados, arquivos da Mitra Diocesana de Palmas – Francisco Beltrão e da Coordenação Diocesana da Ação Evangelizadora, para compreender o caminho da catequese na diocese.

No primeiro capítulo apresenta-se o percurso histórico da catequese na diocese de Palmas – Francisco Beltrão (1936-2013). Esse capítulo tem como

¹ Este dado refere-se aos anos de ereção da diocese, no entanto se contarmos desde a criação da prelazia de Palmas são 81 anos.

objetivo oferecer, em suas linhas gerais, um panorama histórico do processo de evolução pelo qual a catequese passou na história da Igreja.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica sobre a iniciação cristã. Para alcançar tal objetivo faz - se uso, tanto de pesquisa bibliográfica, através do auxílio de autores que aprofundam o tema, como também, da análise de documentos do Magistério sobre a iniciação cristã. Nele se propõe aprofundar a temática para compreender melhor a importância de um processo catequético que culmine na adesão a Jesus Cristo e à sua proposta de vida.

No terceiro capítulo trata - se da catequese com adultos, inserida na dinâmica da iniciação cristã, como proposta de formação para o discipulado. Nesse capítulo, após apresentar o desenvolvimento teórico da compreensão da catequese com adultos, a pesquisa retorna à diocese de Palmas – Francisco Beltrão e expõe a proposta de uma catequese que pretende ser de inspiração catecumenal. A qual envolve, desde a formação dos catequistas, até a possibilidade de encontros que primam pela experiência e contato com a Palavra de Deus.

1. O PERCURSO HISTÓRICO DA CATEQUESE NA DIOCESE DE PALMAS – FRANCISCO BELTRÃO (1936-2013)

Este capítulo apresenta a caminhada catequética na diocese de Palmas - Francisco Beltrão, no sudoeste do Paraná, a partir da chegada do segundo administrador apostólico da prelazia de Palmas, em 1936, até o início das reflexões sobre a iniciação cristã, em 2011.

Após a apresentação dos dados históricos referentes à diocese, o capítulo divide-se em três fases: 1ª 1936-1970 com o episcopado de Dom Carlos; 2ª 1970-2005 com o episcopado de Dom Agostinho José Sartori; 3ª 2005-2013 com o episcopado de Dom José Antonio Peruzzo.

Em cada parte procura-se apresentar a caminhada catequética na igreja local (primeiros pontos de cada fase) e intercala - se com a apresentação documental referente à catequese, seja em âmbito nacional, como universal.

É importante destacar que a intenção não é uma análise exaustiva, antes o capítulo se propõe a apresentar fatos selecionados, na intenção de ilustrar o período acima mencionado.

A terceira fase se restringe mais à caminhada catequética diocesana e alguns documentos nacionais são mencionados brevemente. Tal atitude se justifica pelo fato de que o tema, ali iniciado, é ampliado no segundo capítulo. Por isso a intenção é apenas contemplar a caminhada diocesana e o começo da discussão em relação à caminhada nacional da catequese.

1.1 DADOS HISTÓRICOS SOBRE A DIOCESE DE PALMAS - FRANCISCO BELTRÃO

A prelazia de Palmas, criada em 09 de dezembro de 1933, pela Bula “*Ad Maius Christifidelium Bonum*”, do Papa Pio XI, é formada pelas cidades de Palmas e Clevelândia, no Paraná e Chapecó, em Santa Catarina. É nomeado, como primeiro Administrador Apostólico, Dom Antonio Mazzaroto, bispo de Ponta Grossa. Em 12 de dezembro, de 1936, chega a Palmas, Frei Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello, como segundo Administrador Apostólico. O primeiro Bispo da prelazia de Palmas é o próprio Frei Carlos ordenado, em 14 de março de 1948 (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

A população da prelazia é composta de índios, de colonos estrangeiros, sobretudo de origem alemã e italiana. O território é coberto por grandes extensões de pastagens e campos de criação (MENDES, RODRIGUES, ROCHA FILHO, 2002).

A elevação da prelazia à diocese dá-se, no dia 14 de janeiro de 1958, pela Bula "*Quoniam Venerabilis Frater*", do Papa Pio XII. E Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello é nomeado o primeiro bispo diocesano de Palmas (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002). Dom Carlos faleceu no dia 06 de fevereiro de 1969. Nessa ocasião é nomeado para Administrador Apostólico de Palmas, Dom Geraldo Micheleto Pellanda, Bispo de Ponta Grossa (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

No dia 16 de fevereiro de 1970 ocorre a nomeação do 2º Bispo Diocesano: o Pe. Agostinho José Sartori, da Ordem dos Freis Capuchinhos. Sua Ordenação Episcopal é no dia 26 de abril de 1970 e sua posse, como Bispo de Palmas, efetiva-se em 14 de junho de 1970 (SCHNEIDER, 2009).

Em 07/01/1987 é emitido o Decreto "*Cum Urbis*", da Sagrada Congregação para os Bispos, que promulga a criação da Concatedral Nossa Senhora da Glória. Esse Decreto marca a criação da co-sede diocesana. Os motivos para tal criação podem ser assim elencados: maior centralização das atividades pastorais, facilitar a tarefa evangelizadora, divisão dos trabalhos de coordenação pastoral, dar maior rapidez e agilidade à ação pastoral. A partir dessa data, a Diocese passa a chamar-se Diocese de Palmas – Francisco Beltrão. "Fazemos votos que esta determinação da Santa Sé contribua, eficazmente, para o incremento da fé e para uma sempre mais fecunda ação pastoral" (DOM AGOSTINHO, Decreto, maio de 1987).

No dia 12 de junho de 1996 é nomeado Bispo Auxiliar de Palmas – Francisco Beltrão, Dom Luís Vicente Bernetti. Sua Ordenação Episcopal dá-se, em 25 de agosto de 1996 e sua posse, em primeiro de setembro do mesmo ano (DOM AGOSTINHO, Carta Pastoral, junho de 1996).

Dom Agostinho conduz a Diocese por 35 anos. Após sua renúncia, continua a residir, em Palmas, vindo a falecer no dia 06/06/2012, na cidade de Pato Branco. Com a renúncia apresentada por Dom Agostinho, Dom Luís, Bispo Auxiliar da diocese de Palmas – Francisco Beltrão é nomeado, pelo Papa João Paulo II, Bispo Diocesano de Apucarana – PR (SCHNEIDER, 2009).

Em 24 de agosto, de 2005, é nomeado o 3º Bispo Diocesano de Palmas – Francisco Beltrão, Dom José Antônio Peruzzo. Sua ordenação episcopal se realiza,

na cidade de Cascavel, em 23 de novembro de 2005, sua posse, no dia 09 de dezembro de 2005, em Francisco Beltrão e, no dia 11 de dezembro, deste mesmo ano, em Palmas (SCHNEIDER, 2009).

1.2 PRIMEIRA FASE: ENTRE O VELHO E O NOVO (1936-1970)

1.2.1 O modelo tradicional na igreja de Palmas: a catequese no episcopado de Dom Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Melo

Na Prelazia de Palmas a preocupação catequética, nos primeiros anos, é o cuidado com as escolas católicas, para que possam oferecer uma educação cristã-católica e que a fé seja transmitida de acordo com a catequese dos primeiros missionários (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Dom Carlos se preocupa em orientar a instrução religiosa no território a ele confiado. Nesse primeiro período, o aspecto é fortemente escolar, o principal agente da catequese é o clero e as formas de catequizar são as missas, novenas e visitas do padre às comunidades (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Em seus pronunciamentos, Dom Carlos sempre defende, com grande veemência, a doutrina católica. Pastoralmente, suas opções são sempre a favor da família. Defende o matrimônio e ataca o que considera as grandes ameaças para a retidão moral e espiritual do povo a ele confiado: o prazer desmedido e o aborto (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Nos seus relatos sobre a compreensão religiosa, principalmente dos fazendeiros da região, Dom Carlos ressalta que eles não rejeitam o sacerdote, porém não sentem a necessidade de sua visita. A compreensão de vida e de fé se resume à frequência aos atos de culto e ao cumprimento do que acreditam serem os deveres de um católico, isto é, assistir a missa e frequentar os sacramentos (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Não se identifica como necessidade espiritual, ter a presença de um sacerdote e nem necessária a busca por maior instrução religiosa. A catequese não encontra receptores, pois os fazendeiros e seus empregados, acostumados a poucas práticas devocionais, não sentem necessidade de instrução. Consideram suficiente o que aprendem em casa e nas escassas visitas dos sacerdotes (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

É preciso diferenciar a religiosidade dos pequenos vilarejos localizados nas matas, formados, em sua maioria, por pequenos agricultores que plantam mais para sua subsistência e a dos grandes fazendeiros e seus empregados. Enquanto estes nutrem uma consciência de mera conservação e participação artificial, aqueles demonstram uma consciência devocional mais emotiva (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Os colonos afeiçoam-se às novenas e escutam, com atenção, a aula de catecismo do padre que ensina aos fiéis a doutrina, através de um discurso simples e compreensível. A catequese é de responsabilidade do padre, que explica a doutrina e exorta os fiéis ao arrependimento dos pecados e à vida reta. (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Nos pequenos centros urbanos, a preocupação de Dom Carlos é a de investir em esforços e recursos para criar e estruturar escolas católicas que eduquem as crianças e os jovens nos princípios éticos do catolicismo (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Nessa primeira fase, percebe-se que a catequese, na prelazia de Palmas, é uma atividade de forte caráter escolar. As aulas de religião tornam-se responsáveis por explicar a doutrina às crianças e aos jovens. E o padre, em suas visitas às fazendas e vilas, ou nas celebrações dominicais, se encarrega de catequizar o povo, devendo respeitar as condições, nem sempre favoráveis, ao exercício da catequese (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

Embora o Papa Pio XI desejasse “para a Igreja universal e para toda a Igreja local, um organismo propulsor e coordenador da atividade catequética” (OLIVEIRA, 1980, p.27), a realidade é que, na igreja, a catequese está fortemente centrada no aspecto doutrinal e sua execução está sob estrita responsabilidade clerical. A doutrina é respeitada e ensinada, porém não se tem a mesma atenção para a organização e sistematização da catequese (MENDES; RODRIGUES; ROCHA FILHO, 2002).

1.2.2 Sinais de um novo tempo na Igreja universal e no Brasil

A década de 40 é marcada pelo interesse na preparação intensiva dos catequistas, através da realização de Cursos, Congressos, Semanas de Catequese

e a preocupação pela elaboração de textos que atendam às necessidades dos catequistas e apresentem uma metodologia atualizada (OLIVEIRA, 1980).

Em 1952, é fundada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A partir de então, a formação dos catequistas recebe novo impulso, pois se percebe que em muitas dioceses a catequese ainda não está organizada. Fica restrita ao preparo para a primeira comunhão (segundo linguagem e compreensão da época), enquanto que o aprofundamento doutrinal ainda permanece a critério das aulas de religião (OLIVEIRA, 1980).

No ano de 1962, elabora - se o Plano de Emergência (PE) da CNBB destinado a orientar a pastoral no Brasil. A Publicação desse plano “conseguiu ativar a renovação da pastoral, proporcionando à Igreja um novo dinamismo, novas estruturas, novas possibilidades de ação catequética” (OLIVEIRA, 1980, p.56).

A questão catequética é abordada, dentro do PE, a partir de uma visão de ação pastoral integrada, ligada, de maneira especial, à renovação paroquial. Os pontos importantes para a catequese podem assim ser destacados:

- a) revisão das prioridades pastorais para não descuidar da catequese em nome da questão social;
- b) o PE destaca, como um dos seus objetivos, a renovação da paróquia que deve se tornar comunidade de fé, de culto e de caridade. Para tornar a paróquia comunidade de fé, o PE aponta a catequese como meio para alcançar o objetivo desejado, para isso é preciso “vitalizar e dinamizar a catequese” (PE, 1963, p.39);
- c) a catequese entendida como “transmissão direta da doutrina” (PE, 1963, p.80), não pode ser descuidada no âmbito da educação católica;
- d) o PE destaca a necessidade de cooperação entre escola, família e paróquia, principalmente na catequese;
- e) a catequese deve ser uma atividade interligada na ação pastoral para que se alcance o objetivo de “firmar a Igreja de Deus” (PE, 1963, p.95).

Como resposta ao Concílio Vaticano II, a CNBB elaborou e aprovou, em 1966, o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC), visando a “criar meios e condições para que a Igreja no Brasil se ajustasse, do modo mais rápido e completo possível, à imagem da Igreja do Vaticano II” (OLIVEIRA, 1999, p. 66).

O Plano de Pastoral de Conjunto apresenta os seguintes destaques em relação à catequese (OLIVEIRA, 1999):

- a) constata que a vida cristã está marcada pela ruptura da fé e vida;
- b) destaca a grande importância da catequese e propõe o aprofundamento doutrinal;
- c) recomenda que se tenha em grande estima a catequese que prepara para os sacramentos;
- d) sugere uma séria e metódica reflexão teológica;
- e) aconselha formação intensa para os diversos membros da Igreja, em especial aos catequistas;
- f) incentiva o despertar da preocupação comunitária;
- g) impulsiona a extensão da atividade catequética a vários destinatários e em tipologias diversas e reconhece a multiplicidade dos lugares de catequese.

Dom Agostinho assim se refere ao PPC:

“depois de longos e acurados estudos e reuniões, veio à luz o 1º Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), este de fôlego e calcado em profunda documentação, tentando aplicar, em termos de trabalho pastoral no Brasil, as diretrizes básicas do Concílio Vaticano II, que terminara em outubro de 1965. Não diria que este plano foi uma revolução, mas não deixou de causar uma forte admiração e impacto pela novidade do empreendimento e do conteúdo. Deve-se a este plano o despertar da Igreja para a necessidade das técnicas de planificação que foram sendo aplicadas, desde então, em todos os níveis: nacional, regional, paroquial” (DOM AGOSTINHO, Carta novembro/2002).

O impulso do Concílio Vaticano II e a preocupação do Episcopado Brasileiro, em orientar a ação pastoral com as características próprias da realidade brasileira, levam em consideração as necessidades específicas de cada diocese e permitem à catequese adquirir “conotações próprias, mais voltadas para a realidade concreta do nosso povo” (OLIVEIRA, 1999, p.68).

Percebe-se que nessa primeira fase, seja em âmbito diocesano, como nacional, que a organização estrutural da catequese e seu significado “tendia ao ensino-aprendizagem dos conteúdos doutrinários, como forma de reforçar a coesão e propiciar um embasamento teórico nos católicos” (PASSOS, 1999, p.51).

1.2.3 A Catequese no contexto do Concílio Vaticano II

Convocado por João XXIII, o Concílio Vaticano (196-1965) tem a intenção de “afirmar mais uma vez a continuidade do Magistério Eclesiástico, para o apresentar,

em forma excepcional, a todos os homens do nosso tempo” (JOÃO XXIII, Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, 1962).

A missão do Concílio consiste em garantir que o depósito da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz (JOÃO XXIII, Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, 1962). O Papa destaca ser necessário um duplo olhar: para o passado em atenção à história vivida e acumulada; sem, porém, esquecer o presente com todos os desafios que se apresentam e que abrem “novos caminhos para o apostolado católico” (JOÃO XXIII, Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, 1962).

Sempre com um olhar atento e atual para a realidade, o Concílio se propõe a transmitir a doutrina de maneira pura e íntegra. Contudo, não se busca apresentar para condenar, ou ainda de discutir um ponto ou outro da doutrina. Trata-se antes, da “renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja na sua integridade e exatidão” (JOÃO XXIII, Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, 1962). Sem, no entanto, esquecer-se da necessidade de uma transmissão atualizada.

Não se busca mudar a substância da doutrina, pois esta é imutável, mas sim progredir na sua interpretação, tendo presente o contexto histórico-cultural em que a Igreja se encontra. Diante dos erros e desvios, a posição do Concílio é a de apresentar a validade da doutrina e sua verdade, e não condenar os desvios (JOÃO XXIII, Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*, 1962).

É importante destacar que um Concílio “é na verdade, a expressão máxima da comunhão eclesial em sua dimensão visível e institucional” (ALMEIDA, 2005, p.14). É assim que se vê o Vaticano II ao reunir “cerca de dois mil e quinhentos bispos” (ALMEIDA, 2005, p.13), e que se configura como um Concílio com força de comunhão, ao optar por não condenar erro algum, como bem esclarece João XXIII em seu discurso inaugural. O Vaticano II pretende “ser um Concílio de reforma com finalidade pastoral” (ALMEIDA, 2005, p.18).

Frei Boaventura Kloppenburg na introdução geral do Compêndio Vaticano II (1969), elenca as intenções fundamentais do Concílio:

- a) pastoral: proclamada por João XXIII, em seu discurso de abertura, e retomada por Paulo VI, no início da 2ª sessão;
- b) ecumênica: não apenas no sentido de universalidade, como também, “na acepção moderna de favorecer a unidade dos cristãos” (KLOPPENBURG, 1969, p.12);

- c) doutrinária: não se pode esquecer a dimensão doutrinal do Concílio com sua “intenção formal de ensinar, propor doutrinas” (KLOPPENBURG, 1969, p. 17);
- d) de ensinar de forma autêntica e com autoridade: “o Magistério como tal e enquanto tal se empenha em declarar, propor e ensinar aquilo que julga ser a doutrina da fé” (KLOPPENBURG, 1969, p.27).

Ao encerrar-se, o Vaticano II havia aprovado dezesseis documentos, não havia um específico para a catequese. No entanto as citações sobre o tema poderiam compor uma “súmula catequética, uma espécie de ‘Diretório Catequético Conciliar’” (OLIVEIRA, 1999, p.61).

O Concílio destaca a Sagrada Escritura como fonte da qual a catequese deve nutrir-se e florescer (DV 27) e a necessidade de uma catequese mais litúrgica (SC 27). Recomenda o cuidado de que na catequese “não se ensine algo que não se coadune com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo” (NA 4).

O Vaticano II reconhece ser importante ter catequistas que auxiliem na expansão da fé e da Igreja. A catequese é um ofício de máxima importância na missão de evangelizar. Por isso, faz-se necessária uma formação adequada aos que se dedicam a esse ofício, para que possam exercer sua missão e cooperar de maneira eficaz com os párocos (AG 17).

Aconselha, ainda, escolas diocesanas e regionais como espaços de cultivo da doutrina, sem esquecer o preparo metodológico. Recomenda uma formação continuada, com o devido incentivo, também econômico, se necessário, “além disso, proporcione-se aos que totalmente se consagram a essa obra, um padrão de vida decente e o seguro social mediante justa remuneração” (AG 17).

O decreto *Christus Dominus* apresenta a catequese como instrução que deve ocupar, com a pregação, o primeiro lugar nas formas de transmissão da doutrina cristã (13); afirma ser dever dos párocos levar seus fiéis “ao pleno conhecimento, acomodado a cada idade, ao mistério da salvação” (30); estabelece a finalidade da instrução catequética: “tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina” (14); recomenda “diligente cuidado” em sua realização e reforça a necessidade de cuidar da formação (14); reconhece, também, a necessidade e importância da ajuda de religiosos e leigos devidamente preparados (30).

O Concílio destaca, ainda, a importância da formação catequética na missão educacional da Igreja, pois “ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de

Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico; e desperta para a atividade apostólica” (GE 4).

No contexto do Vaticano II, surgem várias tentativas de recepção e atualização de seus ensinamentos. Na diocese de Palmas uma, em especial, pode ser destacada: o surgimento da ASSESOAR. Passemos, pois a sua história.

1.2.4 ASSESOAR: uma recepção do Vaticano II²

A década de 60 é marcada pelo surgimento da Ação Católica. Esse movimento ajuda a despertar o ideal do apostolado leigo e, com isso, surgem muitas vocações de catequistas, que partilham com o clero, a missão da catequese no Brasil (OLIVEIRA, 1980).

Na região de Francisco Beltrão, Diocese de Palmas, um grupo de leigos orientados pelos Padres Missionários do Sagrado Coração de Jesus, os “padres belgas”, utilizam os ensinamentos do Vaticano II para sua formação e chegam às seguintes conclusões (A HISTÓRIA..., 1981):

- a) em âmbito eclesial: urgência de uma nova forma de pastoral que esteja atenta à realidade das crianças, jovens e adultos; necessidade de organizar a catequese, principalmente, na preparação para a “Primeira Comunhão” e para a “Crisma”; consciência de que são chamados a sentirem-se membros da Igreja; preocupação de tornar a fé presente na vida e responsabilizar as famílias na educação religiosa dos filhos (A HISTÓRIA..., 1981);
- b) em âmbito social: desafio de unir fé e vida; as comunidades devem desenvolver a solidariedade, a união e a participação e também a consciência da importância, e necessidade, da luta pelos direitos e da organização para o trabalho; promover melhores condições de vida aos agricultores na lavoura e pecuária; maior desenvolvimento rural (A HISTÓRIA..., 1981).

² Faz-se necessário um esclarecimento: a relação da ASSESOAR com a diocese iniciou-se no período em que Dom Carlos era bispo no ano de 1966 (data oficial da fundação da associação) e encerrou-se com Dom Agostinho no ano de 1988, por isso este ponto adiantará alguns anos, no entanto no tópico 1.4 retornamos ao início do episcopado de Dom Agostinho no ano de 1970.

Cientes das necessidades acima e embasados nos princípios da Doutrina Social da Igreja, em 1966, um grupo de leigos funda a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR). A principal preocupação é a educação e formação do homem do campo a fim de atingir todas as fases que dizem respeito à sua personalidade moral, religiosa e social (A HISTÓRIA..., 1981).

Concretamente, a ASSESOAR responsabiliza-se:

- a) pela formação, organização e sistematização da catequese;
- b) pela formação direta da juventude, através da articulação da Juventude Agrária Católica (JAC), com o objetivo de preparar os jovens do meio rural para assumirem os serviços em suas comunidades e nas organizações da classe trabalhadora rural;
- c) pela promoção de grupos de reflexão para casais (1968), no intuito de ligar os acontecimentos da vida às exigências da fé cristã: participação, comunhão, fraternidade;
- d) pelo trabalho com os adolescentes (1972), através de encontros quinzenais, marcados pelo estudo e busca de solução dos problemas, oração, reflexão, ação e recreação;
- e) orientação religiosa e de caráter sócio-político;
- f) empenho na organização sindical, conscientização e comprometimento político, auxílio aos agricultores.

De 1966 a 1978, a ASSESOAR contribui, ativamente, na formação de lideranças católicas em todas as áreas: catequese, grupos de família, estudo bíblico, jovens, liturgia, ministros. Enfim, a ação pastoral faz parte dos projetos de formação dessa associação (SCHNEIDER, 2009).

Em relação ao trabalho catequético, é importante destacar os subsídios preparados pela ASSESOAR: o boletim "Para você Catequista", utilizado na formação dos catequistas e a coleção de cinco volumes com o título "De mãos dadas", um manual para catequistas e catequizandos. O material é elaborado por um grupo de padres e leigos, encaminhado para a impressão na Associação e distribuído aos catequistas. Não se trata propriamente de um livro impresso, antes, são apostilas com temas e sugestões de assuntos, com o objetivo de favorecer o trabalho dos catequistas e uma melhor aplicação dos ensinamentos na vida (A HISTÓRIA..., 1981).

A partir de 1978, a ASSESOAR dedica-se mais aos trabalhos de assistência técnica, com a implantação de projetos, visando à agricultura familiar (A HISTÓRIA..., 1981).

Quanto ao material utilizado para a catequese, a coleção “De mãos dadas”, em 1980, Dom Agostinho, apresenta - o ao Regional Sul II, que nomeia uma equipe formada por padres e religiosas, representantes de outras dioceses do Paraná, a qual, com base nas apostilas, após um trabalho de estudo e reflexão, elabora nova proposta: a coleção “Crescer em Comunhão” composta de cinco volumes. Essa coleção é adotada por várias dioceses, no Paraná e até mesmo, por outros Estados (A HISTÓRIA..., 1981).

Com o passar do tempo, as relações entre diocese e ASSESOAR tornam-se, cada vez mais distantes, por dois motivos: de um lado o direcionamento específico da associação: orientar e formar as comunidades agrícolas na busca de seus direitos; e de outro a consciência de que a formação dos catequistas devia ser prioridade da diocese e responsabilidade direta do bispo. Por fim, em 1988, se estabelece a separação entre a diocese e a ASSESOAR (SCHNEIDER, 2009).

Essa foi uma experiência de catequese sócio – transformadora na Diocese de Palmas-Francisco Beltrão. A caminhada posterior foi marcada pela insistência na necessidade de primar por uma catequese, mais atenta à vida, capaz de unir fé e vida, sem separar religião e ação social.

1.3. SEGUNDA FASE (1970-2005): O NOVO E SUAS MODULAÇÕES

1.3.1 A catequese no episcopado de Dom Agostinho José Sartori

Ao chegar à diocese, no ano de 1970, Dom Agostinho encontra alguns desafios: longas distâncias, problemas sociais, políticos e pastorais. Sua impressão é como se tivesse saído “da cidade para ir ao mato. Palmas era separada das outras cidades” (DOM AGOSTINHO, 2008, p. 234).

O bispo inicia seu ministério com grande preocupação de organizar a pastoral na diocese. Em 1971, elabora o primeiro Plano Diocesano de Pastoral em que, entre outras prioridades, destaca a necessidade de melhor organizar as várias formas de catequese realizada na diocese, a saber: paroquial, escolar, em “preparação para a primeira Eucaristia e Crisma”. O princípio iluminador para a organização e

desenvolvimento da catequese, na Diocese, é o Concílio Vaticano II (SCHNEIDER, 2009).

Em relação à metodologia catequética, o plano diocesano reforça a importância de um método que possibilite atingir a realidade de catequistas e catequizandos em sua totalidade. Não apenas uma dinâmica de perguntas e respostas, mas sim, uma catequese mais contextualizada na realidade (SCHNEIDER, 2009).

O segundo Plano Diocesano (1973-1974) destaca a necessidade de empenhar-se na organização da catequese, na atualização da metodologia, com atenção aos anseios de catequistas e catequizandos; enfatiza a importância da formação dos catequistas de acordo com as orientações da Igreja (SCHNEIDER, 2009).

Em 1975, realiza-se na diocese, a primeira assembleia diocesana que define pistas comuns de ação pastoral e apresenta a catequese como missão de toda a igreja diocesana e, por isso, deve ser assumida como prioridade (SCHNEIDER, 2009).

Os planos diocesanos dos anos 1976-1983 sublinham os seguintes pontos significativos para a caminhada catequética, na diocese de Palmas: incentivo à catequese familiar e escolar; todas as atividades pastorais, inclusive a catequese, devem orientar para a comunidade; atenção à catequese dos adolescentes e jovens e o cuidado com a organização da catequese escolar; estabelece-se a idade para a catequese da “primeira comunhão”, a partir dos nove anos, e para a “crisma”, a partir dos doze; a catequese é chamada a promover a educação da fé, de maneira progressiva, ordenada e permanente (SCHNEIDER, 2009).

Em julho de 1981, ao escrever para os catequistas, Dom Agostinho afirma que a catequese se realiza principalmente com o testemunho. Não se pode esquecer a necessidade de integrar fé e vida, pois a catequese não deve ser obrigação, mas ação da comunidade chamada a ser catequizada e catequizadora. Dom Agostinho afirma, também, que a catequese é indispensável para o crescimento da fé (DOM AGOSTINHO, 1981).

Na Diocese de Palmas, o empenho em estabelecer a dimensão comunitária da catequese é sempre crescente. É possível perceber que os Planos Diocesanos de Pastoral, principalmente, a partir de 1983, enfatizam a catequese, como ação paroquial em total sintonia com a caminhada diocesana. A formação não pode ser

esquecida e a busca por novas metodologias é incentivada, desde que respeitem os princípios da fé e favoreçam sua transmissão (SCHNEIDER, 2009).

No ano de 1987, a atenção se volta para a catequese em “preparação ao sacramento da crisma”. E enfatiza-se a necessidade de formação espiritual e doutrinal dos catequistas, pois têm a incumbência de serem educadores da fé (SCHNEIDER, 2009).

Em 1994, por ocasião do III Congresso Diocesano da Catequese, Dom Agostinho exorta os catequistas a: conscientizarem-se de que a missão do catequista é fazer ecoar a boa-nova; acreditarem na importância do trabalho que realizam, mesmo que os ouvidos pareçam fechados ao anúncio do Evangelho; que cada um deve sentir-se um mini pastor que mantém seguro seu rebanho (DOM AGOSTINHO, 1994). Em 1995, realiza-se, na diocese, a primeira edição da Escola Catequética, uma iniciativa voltada para a formação espiritual, humana, metodológica e teológica dos catequistas da Diocese (SCHNEIDER, 2009).

Em agosto de 2003, por ocasião da celebração do “Dia do Catequista”, Dom Agostinho dirige uma mensagem especial aos catequistas. Ele destaca a necessidade de assumirem a catequese, como prioridade entre as atividades evangelizadoras, pela “importância que ocupa no processo da educação e do amadurecimento na fé e no próprio desígnio de Jesus para a salvação do mundo” (DOM AGOSTINHO, 2003). Dom Agostinho recorda ainda, que a “catequese como educação na fé, apresenta os fatos e as palavras de revelação e procura explicar os profundos mistérios que estes encerram” (DOM AGOSTINHO, 2003). Ao concluir sua mensagem, o bispo também exorta os catequistas ao empenho no desenvolvimento da missão e a “celebrar o seu dia com o ‘santo orgulho’ de terem sido chamados por Jesus Cristo para um ministério tão elevado e de tão grande valor na obra de Deus” (DOM AGOSTINHO, 2003).

1.3.2 Documentos importantes nesse período: a catequese em âmbito universal e nacional

A segunda fase da caminhada diocesana da catequese corresponde à publicação de vários documentos catequéticos. É a catequese sendo pensada pelo magistério e concretizada pela ação dos catequistas que fizeram da catequese, especialmente no Brasil, o resultado de uma história complexa (PASSOS, 1999).

Na sequência, o que os documentos oportunizam conhecer dessa história.

1.3.2.1 A catequese no Diretório Catequético Geral (1971)

É promulgado, em 11 de abril de 1971, pela Sagrada Congregação, para o Clero, o Diretório Catequético Geral, em atenção ao mandado do Concílio de elaborar um “Diretório de formação catequética do povo cristão” (CD 44). Com a finalidade de ajudar na redação dos diretórios catequéticos locais e, também, na elaboração de textos de catequese e para a catequese.

Destinado às Conferências Episcopais esse importante documento deve atingir a todos os que têm responsabilidade no campo catequético. O Diretório despertou a atenção para os seguintes pontos (OLIVEIRA, 1999, p. 81):

- a) a nova situação pastoral, no mundo, exige que a catequese seja reorientada, aprofundada e desenvolvida de forma intensa;
- b) ao propor a renovação catequética, o Diretório enfatiza que não se trata de intensificar as atividades tradicionais. Antes é preciso encontrar novas linguagens, aprofundar o conteúdo, concentrando-se nos elementos principais e integrando-os com as dimensões do Evangelho e com o compromisso temporal dos cristãos;
- c) ênfase na fé madura, como objetivo de toda atividade catequética. Não existe separação entre catequese e evangelização. Faz-se necessário desenvolver uma catequese que seja evangelizadora;
- d) o amor de Deus é a ênfase para o conteúdo apresentado de modo orgânico, sem esquecer as dimensões teológicas, cristológicas e antropológicas;
- e) valoriza a colaboração das famílias e da comunidade no processo catequético e enfatiza a importância da formação dos catequistas. Orienta que a catequese seja direcionada aos adolescentes, jovens e adultos, sem, no entanto, prejudicar a catequese infantil. Na questão metodológica destaca a experiência humana e a criatividade dos catequistas.

Os anos seguintes são marcados por tentativas de tornar o Diretório conhecido e acessível. Na realidade brasileira, o Diretório Catequético Geral, inspirou vários projetos voltados à formação dos catequistas, à catequese com adultos e à interação entre família e catequese.

1.3.2.2 A contribuição da *Evangelii Nuntiandi* (1975)

Publicada em 08/12/1975, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN) apresenta alguns pontos pertinentes à catequese. A EN repercute na Igreja do Brasil e a CNBB cuida para que ela seja objeto de reflexão nas comunidades e particularmente, nos grupos de agentes de evangelização e catequese.

Na diocese de Palmas, Dom Agostinho assim apresenta a EN:

“o Papa Paulo VI, com singular inspiração, vem ao nosso encontro, com um maravilhoso documento, sugerido pelo tema e pelos debates do Sínodo de 1974: a Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*”. Ele reflete sobre o que é a Evangelização, o conteúdo da mesma, sua vital importância para a salvação do homem e, ainda, sobre os métodos da Evangelização [...] são, todavia, uma clara sinalização de que, se tivermos sinceridade, poderemos caminhar juntos e com segurança nas estradas obrigatórias da Evangelização, sem correremos o risco de perdermos a rota” (DOM AGOSTINHO, 1976).

Segundo a avaliação de Oliveira (1999), toda a exortação é de interesse catequético, pois aborda o tema da libertação em relação à evangelização; as comunidades foram apresentadas como “destinatárias especiais da evangelização e ao mesmo tempo evangelizadoras” (OLIVEIRA, 1999, p. 95).

O número 17 da EN menciona certa tendência em identificar a catequese com a evangelização, uma vez que ela traz em si elementos essenciais para a evangelização. No entanto, não se deve esquecer que a catequese é um elemento da evangelização, mas não é ela em si mesma (EN 17).

Ao abordar a necessidade do anúncio explícito de Jesus, a EN afirma “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22) e cita a catequese como forma de anúncio. Não se trata de sinônimo, ou seja, a catequese realiza o anúncio sendo um aspecto da evangelização.

Juntamente com a catequese o ensino religioso e a “educação dos hábitos de vida religiosa” (EN 44) são meios de grande proveito para a evangelização. O número 44, ainda diz que a catequese deve ser ministrada na Igreja, nas escolas e nos lares; insiste na preparação dos catequistas e no preparo de bons textos e recomenda o “ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça descobrem [...] Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar” (EN 44).

Ao destacar o papel dos sacramentos da evangelização a EN chama a catequese a “educar de tal modo para a fé que esta leve depois cada um a viver – e não se limitar a receber passivamente, ou a suportar – os sacramentos como eles realmente são, verdadeiros sacramentos da fé” (EN 47).

1.3.2.3 O Sínodo sobre a catequese (1977) e a *Catechesi Tradendae* (1979)

Em 1977, a IV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos tem como tema: A Catequese em Nosso Tempo, com particular referência à catequese das crianças e jovens.

É possível apresentar cinco motivos para a escolha desse tema: necessidade de descobrir as principais considerações que a reflexão sobre a catequese fez emergir na Igreja; desejo de refletir sobre a catequese das novas gerações; continuidades do tema da evangelização; as interrogações e tensões sempre presentes na caminhada da catequese; constatação de que a educação é um dos principais problemas do nosso tempo (OLIVEIRA, 1999).

Ao final, os significados do Sínodo para a catequese são: os bispos demonstram estar nascendo um novo estilo de ser Igreja, marcado pelo diálogo; apresenta a vivacidade da Igreja e o despertar de jovens dispostos a integrarem-se à pastoral catequética; aprofunda a consciência de que a Igreja está a serviço, por isso é necessário buscar a justiça, a fraternidade e a comunhão entre todos (OLIVEIRA, 1999).

Em 16 de outubro de 1979, João Paulo II publica a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (CT). Sem a pretensão de apresentar a solução para todos os problemas da catequese, a exortação se detém em alguns “aspectos, os mais atuais e mais decisivos, a fim de consolidar os bons frutos do Sínodo” (CT 4).

O número 18 da exortação define a catequese como

“uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente, um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de iniciá-los na plenitude da vida cristã” (CT 18).

A CT permite contemplar a catequese em quatro dimensões (OLIVEIRA, 1999):

- a) pedagógica: insiste na necessidade de uma pedagogia que, levando em conta as técnicas aperfeiçoadas pela educação em geral, seja “posta a

serviço da fé para transmitir e para educar; caso contrário tal técnica não terá valor” (CT 58);

- b) pastoral: o número 25 da exortação apresenta a “perspectiva pastoral da catequese” que consiste em compreender o ensinamento da doutrina, dentro do contexto mais amplo da vida do cristão, afirmando também que “a catequese é tão necessária para a maturação da fé dos cristãos, quanto para o testemunho desta no mundo” (CT 25);
- c) doutrinal-vital: interação entre a “necessidade de um ensino cristão orgânico e sistemático” (CT 21) e as oportunidades de colocar-se “em relação com a vida pessoal, familiar e social ou eclesial” (CT 21);
- d) comunitária: fortemente expressa no número 24:

“a comunidade eclesial, em todos os seus níveis, é duplamente responsável em relação à catequese: ela tem responsabilidade de prover a formação dos próprios membros; depois, tem a responsabilidade também de acolhê-los num meio ambiente em que eles possam viver o mais plenamente possível aquilo que aprendem” (CT 24).

Em fevereiro de 1980, Dom Agostinho participa da Assembleia Geral da CNBB quando, entre os temas apresentados, os bispos estudaram a CT. Ao se referir ao estudo destaca a necessidade de estudar o documento para que a ação pastoral possa ser vigorosa e que o documento desperte um novo entusiasmo em todos os agentes de Pastoral (SCHNEIDER, 2009).

1.3.2.4 A “Catequese Renovada” da CNBB (1983)

Envolvendo quatro assembleias gerais do episcopado brasileiro (1980-1983), a preparação desse documento mostra a intenção da CNBB e seu interesse, não só pela teoria na catequese, mas também, pela prática, “é um Documento Oficial da Igreja no Brasil [...] está fortemente ligada à reflexão e decisões do episcopado” (LIMA, 1999, p. 115). A Catequese Renovada está na linha de renovação do Vaticano II. Os bispos se empenham no preparo dos instrumentos de trabalho, nas avaliações das colaborações providas das Dioceses (LIMA, 1999).

Ao proporem a renovação catequética, os preparativos do documento se deparam com uma variedade de temas a serem considerados: necessidade de um roteiro ou temário catequético; preocupação com a metodologia a ser empregada na

catequese; importância de “refletir sobre a natureza e finalidade da catequese e o sentido do seu conteúdo” (LIMA, 1999, p. 118).

Depois de muito trabalho e de muitas intervenções, em 15 de abril de 1983, o documento é aprovado com o título: Catequese Renovada: Orientações e Conteúdos. Iniciam-se, então, por todo o Brasil, estudos e reflexões, no intuito de torná-lo conhecido e melhor assimilado.

O CR assume, e impulsiona os eixos centrais que despontam na caminhada catequética brasileira: “a Bíblia como texto principal, os momentos celebrativos, os princípios de interação fé e vida, o valor e importância da caminhada da comunidade de fé como ambiente e conteúdo de educação da fé” (DNC 12).

A Primeira Parte do CR (1-28) destaca “a catequese e a comunidade na história da Igreja”. Sem a pretensão de apresentar uma exaustiva descrição sobre a história da catequese o documento pretende, apenas, “destacar algumas de suas linhas fundamentais” (CR 2).

O mérito dessa parte está no fato de colocar o desenvolvimento da catequese numa linha crescente, sempre atenta aos sinais dos tempos. Parte da catequese, entendida como iniciação à fé e à vida comunitária (CR 4-7), destaca que do século II até o século V “catequese e comunidade caminhavam juntas” (CR 7).

Do século V ao século XVI, a história da Igreja é marcada pelo fato de “que a sociedade inteira, em todos os seus aspectos, se considerava animada pela religião cristã, a ponto de se estabelecer uma aliança entre o poder civil e o poder eclesiástico” (CR 8). Foi o que se chamou de cristandade.

Sendo assim, a catequese nesse período, se entende “por um processo de imersão nessa cristandade” (CR 9). O número 10 destaca que a partir do século XVI a catequese assume a característica de “um processo que valorizava mais a aprendizagem individual, na qual já não era tão marcante a ligação com a comunidade” (CR 10).

Vários fatores contribuem para que a catequese se concentre no aspecto de instrução. Entre eles podem ser destacados: a preocupação com as formulações doutrinárias e sua reta compreensão; descoberta da imprensa e difusão da catequese escolar; influência do iluminismo.

O século XX é marcado pela redescoberta, na catequese, da “importância fundamental da iniciação cristã e do lugar primordial que nela cabe à comunidade de fé” (CR 14). Várias transformações exigem “um tipo de catequese que, além de

sólida fundamentação da fé, seja capaz de ajudar o cristão a converter-se e a comprometer-se no seio de uma comunidade cristã para a transformação do mundo” (CR 19).

O desenvolvimento da catequese, entendida como educação permanente da fé, comunhão e participação na comunidade traz para a ação catequética características positivas: visão da catequese dentro de todo o conjunto pastoral; apresentação de uma nova imagem de Jesus, da Igreja e do ser humano; consideração da pessoa humana como um todo; busca pela libertação integral da pessoa, entendida como sujeito; preocupação por um ensino sistemático dos conteúdos em atenção contextualizada à realidade de cada um.

É importante destacar que o Documento não apresenta uma visão utópica da realidade e no n. 26 evidencia as deficiências, ainda presentes na catequese brasileira que, apesar de oferecida a todos, não atinge permanentemente todos os cristãos. Percebe-se a presença de um forte dualismo e falsas oposições na doutrina, além de um material didático fraco doutrinal e metodologicamente. Destaca-se ainda, a necessidade de maior atenção da parte de padres e maior apoio das famílias.

A intenção dessa primeira parte da CR é a de “perceber os fundamentos e as consequências práticas de uma Catequese que procura renovar-se diante das novas situações” (CR 29).

A segunda parte do Documento (36-161) aprofunda o sentido da Palavra de Deus e o significado da Revelação e trata das exigências da catequese. O pano de fundo da reflexão do primeiro capítulo é a Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Vaticano II.

A CR reforça que Deus se comunica por palavras, gestos e fatos (33-35); A iniciativa é de Deus que comunica, a si mesmo, sempre em dimensão comunitária. Vence as barreiras do pecado que impede o ser humano de se abrir à sua comunicação (36-39).

A pedagogia de Deus é a de revelar-se por etapas e respeitar a humanidade “que não está preparada para acolher a Deus plenamente” (CR 42). Na Revelação é sempre Deus que vem ao encontro de seu povo e permite que se compreenda o sentido de tudo que acontece. O ponto central, a plenitude é sempre a Encarnação, pois “a luz definitiva sobre a história da Revelação vem de Jesus, que revela enfim toda a amplitude do amor de Deus” (CR 49).

O segundo capítulo trata de uma catequese que seja fiel a Deus e ao ser humano (78-81). Que compreenda que a fonte de toda ação catequética é a Palavra de Deus (82-93). Sem esquecer que para alcançar sua finalidade a catequese precisa reforçar a unidade, organicidade, integridade e adaptação do seu conteúdo (94-102).

A CR apresenta ainda as dimensões da catequese (103-109): cristológica, eclesiológica, escatológica. Destaca que todas têm “o mesmo valor e a mesma importância” (CR 109).

Em relação ao método o Documento destaca o princípio da interação (112). Enfatiza o método “Ver-Julgar-Agir” como uma proposta válida para alcançar a interação do conteúdo com a vida e vice-versa (115). Entre os lugares da catequese (118-128), a comunidade cristã é apresentada como seu “o lugar, ou o ambiente normal” (118). Como processo permanente é preciso que a catequese “acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global” (129).

A terceira parte do Documento trata dos temas fundamentais para uma catequese que busca compreender-se como catequese renovada (CR 162-280).

É importante destacar que, ao apresentar os temas fundamentais da catequese, o próprio documento especifica que não se trata de um catecismo, antes se quer “apresentar os grandes temas de uma catequese renovada em nosso contexto. Esse temário, não é exaustivo, nem único, mas inspirador” (CR 162).

A situação real, em que o ser humano se encontra, deve ser o espaço de encontro com Deus e seu plano de salvação. Por isso, a verdade sobre Jesus Cristo deve ser apresentada como plenitude da salvação. E a Igreja, entendida como sinal do Reino e sacramento de comunhão, é o instrumento de realização da salvação para o ser humano. Percebe-se que a pessoa é tratada como protagonista e passa a ser vista, a partir de Cristo, que ilumina o mistério do ser humano e ao ser renovado por Cristo, é chamado a assumir seus compromissos, como resposta a Deus, numa comunidade e num contínuo processo de conversão. Sem esquecer-se de assumir uma vida renovada, também na dimensão social (CR 163-280).

A quarta parte do CR trata da comunidade catequizadora (281-316). Uma vez que a “Catequese é um processo dinâmico e abrangente de educação da fé, um itinerário, e não apenas uma instrução” (CR 281). É preciso promover a “integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica” (CR 283). Por isso, o intuito da quarta parte do Documento é o de apresentar “como grupos podem

caminhar e desenvolver-se, para sempre mais, se tornarem comunidades catequizadoras” (CR 285).

Por fim, como conclusão, a CR no número 318 reafirma que

“a Catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé. Sua finalidade é a maturidade da Fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna e feliz” (CR 318).

A síntese do CR permite perceber que, a Igreja no Brasil, se empenha em realizar uma ação catequética atenta à realidade real e concreta em que o catequizando se encontra. E, ao mesmo tempo, que não negligencie os princípios básicos da fé e da doutrina.

A Diocese de Palmas também se empenhou em realizar projetos formativos tanto para os catequistas, como para o clero. Tem-se como ponto principal dessa formação, a Semana Teológica, realizada em 1988, com o assessor Dom Juventino Kesting; uma tentativa de tornar o Documento CR, não apenas conhecido, como também, assumir suas orientações para a ação e organização da catequese na diocese (SCHNEIDER, 2009).

Com a apresentação do documento CR, encerra-se a segunda fase da caminhada catequética. Embora não correspondam à cronologia apresentada (1970-2005), os documentos aqui evidenciados são os que mais influenciam o processo catequético na diocese de Palmas – Francisco Beltrão.

1.4 TERCEIRA FASE (2005-2013): O DESPERTAR DA INICIAÇÃO CRISTÃ NA DIOCESE DE PALMAS – FRANCISCO BELTRÃO

1.4.1 A catequese no episcopado de Dom José Antonio Peruzzo

Em 2005, Dom José toma posse, como terceiro bispo diocesano de Palmas-Francisco Beltrão. Seu ministério episcopal coincide com a elaboração e aprovação do Diretório Nacional da Catequese (DNC) em 2006, que compreende a catequese a serviço da iniciação cristã, ou seja, a catequese deve resgatar sua dimensão de formação cristã que orienta para a conversão e mudança de vida (DNC 35).

Outro acontecimento eclesial importante para a catequese, e que coincide com o início do ministério episcopal de Dom José, na Diocese, é a realização da V

Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho em Aparecida, realizada em 2007. Nessa Conferência a temática da iniciação cristã é amplamente discutida e interpelou as comunidades paroquiais a se renovarem.

O Documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, nos números 286-294, destaca a iniciação cristã, como um desafio para a ação pastoral da Igreja, e afirma ser esta um “desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada” (DAp. 287).

Ainda, em nível nacional, a CNBB, em 2009, publica um estudo sobre o tema da Iniciação à Vida Cristã: “Iniciação à Vida Cristã: um Processo de Inspiração Catecumenal” e destaca que a iniciação se torna “um dos temas mais desafiadores da nossa ação evangelizadora” (Estudo CNBB 97, n.2).

Essas reflexões encontraram na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, recepção positiva, e aos poucos, se percebe o crescimento de um processo de renovação que envolve as lideranças leigas e o clero.

Em 2006, a coordenação diocesana da catequese apresenta, para as paróquias, o subsídio de formação dos catequistas: três blocos que abrangem as dimensões formativas contempladas pelo Diretório Nacional da Catequese, ou seja: o ser do catequista, enfatiza sua dimensão humana e cristã; o saber do catequista propicia aprofundamento bíblico, teológico e espiritual; e o saber fazer, destaca a dimensão metodológica e sua importância na realização da catequese. O empenho da coordenação catequética, no período de 2006 a 2010, é a organização e implantação do programa formativo nas paróquias e capelas.

A partir de 2011, a reflexão sobre a iniciação cristã é assumida pela diocese em busca de uma catequese, ainda mais contextualizada e inserida na realidade. A realização das reuniões dos Conselhos Diocesanos de Pastoral (CDP) envolve párocos, coordenações paroquiais de catequese e catequistas, num processo de estudo e reflexão. E, a Coordenação Diocesana da Ação Evangelizadora (CDAE) auxiliada pela Coordenação Diocesana da Catequese, elabora uma sequência de cinco reuniões do CDP sobre a iniciação cristã.

Em junho de 2011, ocorre a primeira reunião do CDP com a temática da iniciação. Destacam-se os pontos (ARQUIVO CDAE, ATA DO CDP 06/2011):

- a) a necessidade do conhecimento e da interpretação da realidade, cultura e ambiente onde se é chamado a evangelizar. Mais que anunciar conceitos é preciso promover o encontro pessoal com Jesus Cristo;
- b) é fundamental ter clareza de que o mundo passa por um processo de mudança de valores e se faz necessário assumir uma maneira crítica de evangelizar;
- c) aparente dispensa do caráter doutrinal e moral e desligamento da instituição, ao mesmo tempo que cresce a busca por mensagens que levem à experiência de Deus;
- d) ao se falar de iniciação cristã, fala-se de um processo que inicia com o encontro, o encantamento e a adesão à pessoa de Jesus Cristo, vivenciado dentro da comunidade;
- e) o modelo de catequese que se apresenta é o inspirado no Catecumenato primitivo. Não se trata de reproduzir o modelo antigo e sim, ter como referência, um processo com metodologia que permita uma progressiva interação entre catequese, celebração e vivência da fé.

Em outubro de 2011, efetiva-se a segunda reunião do CDP sobre a iniciação cristã. De modo especial, esse conselho, tem como tema de estudo, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) em que são destaques (ARQUIVO CDAE, ATA DO CDP 10/2011):

- a) a reflexão da catequese com adultos vista como um processo que os leve a assumirem o compromisso cristão, a se inserirem na comunidade e a tornarem-se verdadeiros discípulos, por meio de uma experiência de conversão e adesão pessoal;
- b) a apresentação do RICA: seus tempos e ritos, o itinerário espiritual é evidenciado e a pessoa, ao percorrê-lo, é chamada a converter-se de seus costumes e modo de ver o mundo, até ser incorporado em Cristo e na Igreja;

Ao final do CDP é apresentada a proposta para que, no ano de 2012, se realize, em toda a diocese, a formação para lideranças paroquiais sobre iniciação cristã e o RICA e, no segundo semestre, a formação dos catequistas responsáveis em assumir a catequese com adultos, em 2013. A proposta é aprovada e cabe à Coordenação Diocesana da Ação Evangelizadora o preparo do material a ser utilizado (ARQUIVO CDAE, ATA DO CDP 10/2011).

Em junho de 2012, o CDP reflete sobre o tema “Discípulos Missionários” e resgata o sentido pessoal e comunitário da iniciação cristã. O fundamento para a reflexão são as Diretrizes da Ação Evangelizadora da CNBB (2011-2015), nas páginas relativas à Iniciação Cristã (n.37-43; 85-91) (ARQUIVO DA CDAE, ATA CDP 06/2012).

Ainda em 2012, no CDP de outubro, as reflexões sobre a iniciação cristã se ampliam e a catequese, em preparação para o sacramento do Crisma, é contemplada. No entanto a pesquisa limita-se ao projeto inicial da diocese: de reestruturar a catequese com adultos, pelo modelo catecumenal, por ser esse o projeto mais detalhado e já colocado em prática nas paróquias.

1. 5 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Neste capítulo é possível acompanhar a caminhada da catequese, na diocese de Palmas - Francisco Beltrão e perceber o processo de renovação pelo qual a catequese passa: uma trajetória crescente em busca de respostas para os desafios de cada época.

Na primeira fase, a diocese apresenta uma ação catequética compreendida como preparo para os sacramentos, momento de explicação da fé, exortação à frequência à missa e à recepção dos sacramentos. Os principais agentes, no período, são os padres, que em suas escassas visitas, catequizam os fiéis, principalmente com exortações morais.

É possível dizer que a realidade da então diocese de Palmas (a mudança de nome só ocorre no ano de 1987) acompanha a realidade brasileira. Isso porque, no período anterior ao Concílio Vaticano II, a catequese trilha um caminho de estruturação e passa, aos poucos, das mãos de padres e religiosos para a responsabilidade de leigos cristãos, dispostos a assumir o ministério catequético.

A segunda fase evidencia passos na direção de um processo mais amplo de formação catequética, tendo em vista que o Vaticano II impulsiona toda a Igreja para um momento novo. A catequese também é beneficiada com as ações renovadoras.

A diocese de Palmas, no período após o Concílio, volta sua atenção à formação de catequistas e à solidificação de uma visão de conjunto de toda ação pastoral.

Importante destacar o trabalho que a ASSESOAR realiza nos anos 66-80, quando assume a formação das lideranças, em especial dos catequistas, no espírito do Vaticano II. Parte do princípio da interação fé e vida e contribui para uma recepção positiva das interpelações do Concílio.

Na terceira fase da caminhada catequética, na diocese, o destaque é a iniciação cristã. A partir de então, a catequese é objeto de estudo, não apenas de catequistas, como também, do clero e de lideranças diocesanas e paroquiais.

Em cada fase da caminhada particular da diocese, com base nos documentos estudados, neste capítulo, é possível estabelecer uma relação de comunhão com a reflexão e ação propostas, em nível nacional.

Percebe-se, ainda, que a diocese de Palmas – Francisco Beltrão tem se mantido atenta às interpelações que surgem nos documentos do Magistério e que, aos poucos, são considerados por bispos, padres e leigos.

Os desafios ainda são muitos, a iniciação começa a ser discutida na esfera diocesana e precisa ser aprofundada. Por isso a diocese assume a iniciação cristã, como um passo decisivo, na busca de uma catequese que seja formadora de discípulos-missionários.

Para tanto, uma fundamentação teórica com base nos documentos da Igreja e na reflexão de alguns autores, faz-se necessária para que melhor se compreenda a iniciação cristã dentro do processo de formação para o discipulado. Tal fundamentação é desenvolvida no segundo capítulo.

2. INTERPELAÇÕES À CATEQUESE A PARTIR DA INICIAÇÃO CRISTÃ

No primeiro capítulo tem-se a caminhada catequética da diocese de Palmas – Francisco Beltrão, até o início das reflexões sobre a iniciação cristã, em sintonia com o cenário nacional e universal da catequese. Percebe-se que o caminho é longo e as iniciativas são várias, inclusive na própria diocese contemplada.

O estudo sobre a iniciação cristã é bastante recente nos documentos da Igreja. Pode ser fixado a partir do Concílio Vaticano II que, ao pedir que os bispos restaurassem o catecumenato, ou promovessem sua adaptação (CD14), possibilita o surgimento de uma grande variedade de estudos e reflexões, não apenas sobre o catecumenato propriamente dito, mas também, sobre a iniciação cristã como um todo.

Tendo presente a necessidade duma fundamentação teórica que auxilia a melhor compreender o próprio sentido de iniciação, bem como, dos termos que lhe são importantes, como por exemplo: catecumenato, querigma, mistagogia, o presente capítulo busca aprofundar a reflexão sobre a iniciação cristã.

Primeiramente se considera a importância da iniciação, na realidade atual, marcada por mudanças e desafios (2.1). Na sequência, a pesquisa se volta para a análise documental (2.2) com a intenção de apresentar a evolução do pensamento do Magistério com relação à iniciação cristã.

2.1. IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CRISTÃ

2.1.1 De uma época de mudanças a uma mudança de época

O documento de Aparecida (2007) afirma: “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas” (DAp 33) e possuem um “efeito global”, ou seja, atingem o mundo todo com rapidez o que faz parecer que “a história se acelerou e as próprias mudanças se tornaram vertiginosas” (DAp 33).

Não se pode agir com indiferença. É preciso saber como esse fenômeno afeta a vida de nossos povos que “buscam infatigavelmente o rosto de Deus” (DAp 35). Faz-se necessário clarear os caminhos de uma humanidade redimida em Cristo.

É possível falar de uma “crise de sentido” trazida pela realidade atual que significa a perda do “sentido que dá a unidade a tudo que existe e nos sucede na experiência, e que os cristãos chamam de sentido religioso” (DAp 37).

O acesso a esse sentido unificador se coloca “à nossa disposição através de nossas tradições culturais que representam a hipótese de realidade com que cada ser humano pode olhar o mundo em que vive” (DAp 37). No entanto, deve-se admitir que a tradição começa a se diluir, uma vez que já não se tem a mesma fluidez na transmissão de uma geração a outra, como no passado (DAp 38-39).

A mudança de época se configura pelo fato de que as mudanças acontecidas influenciam na perda da “concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus” (DAp 44). Nesse contexto de mudanças, perdas e desencontros, percebe-se o grande erro das tendências dominantes do último século: a exclusão de Deus. Pois “quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas” (DAp 44).

As mudanças na sociedade são, também, mudanças que afetam a religião. Embora a religião tenha a sua identidade e, também, sua autonomia, ela estará sempre relacionada com o contexto social, em que se insere, e é por ele condicionada (ALMEIDA, 2010).

Se no mundo antigo e medieval, a religião ocupava o centro da cultura e da sociedade, agora se vê na periferia, tratada como um assunto privado e pessoal. Alguns estudiosos dão, a esse processo de transição, o nome de secularização (GIBELLINI, 2002).

A palavra secularização pode ter dois significados: jurídico, a passagem de pessoas do estado clerical para o secular; cultural, esse significado é mais tardio, indica o processo de emancipação da vida cultural da tutela eclesiástica (GIBELLINI, 2002).

Nesse processo de “emancipação” muitos acreditam que o ser humano torna-se independente, também, de seu contato com o sagrado e, por isso, a religião deixa de ser importante.

São evidentes as grandes contradições, desse período, em que se alcançam avanços e progressos e, ao mesmo tempo, as pessoas morrem por falta de condições básicas de sobrevivência. Além da “crise de sentido”, percebe-se que o ser humano passa por uma “crise de esperança”, pois as expectativas depositadas

na técnica, na ciência e na razão, não são suficientes para realizá-lo plenamente. Enfim, o contexto parece ser propício para se “instaurar uma fé sem Deus” (QUEIROZ, 1996, p. 14).

É possível perceber que esse mesmo contexto, que parece gritar que Deus não é mais necessário, se torna espaço para o surgimento de novas maneiras de manifestação religiosa. Ou seja, há a mudança, porém isso não significa que a religião deixa de existir, ou que o ser humano deixa de buscar Deus. Pode-se dizer que há uma inversão, a “pessoa não procura Deus para se submeter à sua vontade, mas busca seu próprio bem-estar e submete Deus aos seus interesses” (ALMEIDA, 2010, p.18). Surgem várias faces do sagrado que mostram uma realidade em que convivem valores tradicionais e posturas ecléticas e difusas que se misturam.

O caráter transitório da pós-modernidade invade, também, o interior dos grandes sistemas religiosos, e promove um abandono das Instituições religiosas em nome de uma fé mais individualista e pessoal.

O cenário que parece se desenhar é aquele de uma relação forte com uma dimensão sagrada, sem necessariamente ter que se ligar a uma Instituição, o que possibilita o surgimento de uma realidade plural (BRIGHENTI, 2005).

A crise da modernidade leva os indivíduos e a sociedade como um todo, ao vazio, deixando, sem respostas, questões vitais. Percebe-se, então, que do meio da crise, surge o retorno do religioso, como irrupção de uma religiosidade eclética e difusa, como surgimento de um catolicismo fundado em princípios pessoais, em que a religião é vista e entendida, como escolha pessoal, e gera uma grande diversidade de experiências religiosas (BRIGHENTI, 2005).

É necessário não confundir a volta do religioso com a volta do sagrado. Isso se explica pelo fato de que a primeira surge, no meio da crise da modernidade, como uma radicalização da secularização e transforma a religião em reflexo da materialidade das condições de sobrevivência. Assume, assim, um caráter mágico e pragmático, sem exigir muito, no nível ético, porém, muito eficaz, no nível dos sentidos e com ênfase na individualidade (BRIGHENTI, 2006). Já a experiência com o sagrado, é marcada pelo caráter coletivo, ou seja, a intersubjetividade é fundamental e os elementos que são considerados sagrados, o são, porque revelam o poder de atração que o sagrado exerce sobre os indivíduos (ALES BELLO, 1988).

As experiências religiosas atribuem forte ênfase à dimensão subjetiva, à tomada de consciência individual, da interioridade, enquanto a experiência com o

sagrado está sempre ligada com o coletivo, com a comunidade. (ALES BELO, 1998).

Quando comparados os sentidos de sagrado e religioso, é possível perceber que, enquanto o primeiro se liga fortemente ao espiritual, o segundo se relaciona, mais com a dimensão material (ALES BELO, 1998).

A volta do religioso é, ainda, marcada por uma generosa oferta de crenças em que, a busca do prazer e do bem estar imediato, faz com que o indivíduo transite por um mercado, no qual, a própria religião passa a ser vista como mercadoria que gera lucro (BRIGHENTI, 2006).

Mesmo que a irrupção do religioso seja fortemente marcada por uma busca individualista e imediata de solução, de felicidade e compensações, não se deve esquecer a capacidade de fascínio e de influência que as religiões exercem sobre os indivíduos. É imperioso o desafio de “levar ao coração da cultura de nosso tempo aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia, nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe” (DAp 41).

A mudança de época desafia todas as dimensões da vida eclesial, porém, o enfoque dessa pesquisa é a catequese. Por isso evidenciam-se, a seguir, alguns desafios que se apresentam para a ação catequética.

2.1.2 Desafios para a catequese

A catequese é um processo de educação da fé que compreende um especial ensino da doutrina cristã, com o fim de iniciar as crianças, os jovens e os adultos na plenitude da vida cristã (CT 18). Não se pode esquecer a dimensão comunitária e permanente do processo catequético que possa levar “a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral” (CR 318). E constata-se um primeiro desafio: educar a fé, por meio de um processo orgânico, que conduza à maturidade da fé.

As definições apresentadas, tanto na *Catechesi Tradendae*, como na Catequese Renovada, apontam para características fundamentais da catequese que se tornam desafios devido ao contexto em que está inserida.

O documento de Aparecida chama atenção para o desafio da linguagem, pois seja na catequese, ou na ação pastoral como um todo, ainda “persistem linguagens

pouco significativas para a cultura atual [...] muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes” (DAp 100d) na atualidade.

Há, também, o desafio de não reduzir a catequese a momentos ocasionais, sem ligação com a vida, ou ainda “reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã” (DAp 298). A catequese é chamada “a acompanhar ativa e metodicamente a pessoa para que ela se torne discípula missionária, cada vez mais consciente, comprometida e consequente” (ALMEIDA, 2010, p. 25).

O desafio da formação integral destaca-se dentro do contexto de uma catequese que não se limite a uma formação meramente doutrinal, antes, faz-se “necessário cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais” (DAp 299). E o documento Catequese Renovada afirma a urgência com que “sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o homem por toda a vida e se integre em seu crescimento global” (CR 129).

Quando se apresenta a catequese como processo de educação da fé, não se deve esquecer de que a fé é dom de Deus, e é proposta; no entanto, deve-se igualmente levar em consideração que a fé precisa ser também resposta, pois “a fé é fundamentalmente uma resposta a uma proposta” (BINGEMER, 2009, p.38).

Diante da proposta divina que é a Revelação, o ser humano é convidado a responder, pela fé, positivamente com um ato de entrega e adesão à mensagem proclamada por Jesus Cristo (DV 5).

E, “crer é uma atitude fundamental de aceitação, de entrega, de compromisso com uma proposta que chega até o ser humano e envolve todas as suas potencialidades” (BINGEMER, 2009, p. 38). A catequese é desafiada a se concentrar no que é comum para o cristão e educá-lo para a vida comunitária ajudando-o, assim, a celebrar e testemunhar sua fé e seu compromisso com Jesus Cristo (DNC. 41).

Onde a “fé se transmitia por imitação dos costumes familiares e sociais [...] a catequese era uma catequese de ‘manutenção’” (BENAVIDES, 2013, p. 25). Ou seja, a catequese “acostumou-se” com uma sociedade marcada por uma forte presença cristã e acaba por “contentar-se” com ensinar e fazer aprender (BENAVIDES, 2013).

Diante da “alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável” (DAp 286), a catequese percebe que a educação na fé não pode ser negligenciada, sem colocar em risco a própria missão de evangelizar (DAp 287).

A mudança de época ainda desafia a catequese, no âmbito da transmissão, ou seja, o catolicismo não é mais algo naturalmente herdado, transmitido pela família. E observa-se, que “passamos de uma ‘situação de cristandade’, em que se ‘nascia’ cristão, para uma ‘situação de missão’, em que se é cristão ‘por opção’” (BENAVIDES, 2013, p. 24).

É preciso assumir o desafio de tornar-se um processo que leve em consideração a importância do testemunho de quem já decidiu seguir a Cristo (BENAVIDES, 2013). Portanto, a catequese deve ter atenção para a opção pessoal. Na verdade toda catequese deve preparar cristãos capazes de viver com seus irmãos amando-os em nome de Jesus Cristo (BENAVIDES, 2013). O momento, mais que de transmissão, pede que se fale de iniciação.

Não se deve esquecer que a formação dos catequistas necessita ser repensada para que, a eles, sejam propiciados momentos de encontro com Jesus Cristo, tendo em vista que “também hoje o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária” (DAp 154).

Presentes tais desafios, a catequese se volta para a iniciação cristã, como possibilidade de redescobrir seu sentido como processo que conduz a pessoa ao encontro com Jesus Cristo e sua Palavra, através da comunidade. Entende-se, assim, a iniciação como dom e, também, como resposta, acolhida e conversão (BENAVIDES, 2013).

Desde o Vaticano II, a catequese percebe a necessidade de recuperar a centralidade de Jesus Cristo e oferecer um processo de educação da fé que leve ao compromisso com a mensagem cristã. A interpelação de Aparecida permite que a catequese retome conceitos importantes no processo de educação da fé, se descubra chamada a ser espaço privilegiado de encontro com Jesus e sua mensagem, e chegue ao discipulado (DAp 288).

Diante dos desafios que se impõem à catequese, é possível, como diz Aparecida, assumir a iniciação cristã como tarefa irrenunciável e dinâmica de nova

evangelização (DAP 287) Torna-se, então, a iniciação cristã a “maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAP 288).

2.1.3 Iniciação cristã: aprofundando a compreensão

O termo iniciação não possui um conceito apenas religioso, na verdade ele recorre “à linguagem histórica, étnica, religiosa e sociológica” (LELO, 2005, p. 24). Precisamente

“O termo iniciação procede do verbo latino *in-ire* que significa ‘entrar dentro’. Equivale a todo processo de maturação, desenvolvido durante certo tempo, para chegar à identificação de uma pessoa com um grupo concreto ou uma determinada comunidade” (FLORISTÁN, 1995, p. 11).

A definição acima permite entender que a dinâmica da iniciação envolve aspectos subjetivos, interiores, ou seja, a iniciação atinge a personalidade no seu íntimo e na sua própria constituição. O iniciado é um ser transformado, sofre uma mudança radical na ordem de seu ser e de seu estatuto no grupo social (LELO, 2005).

É possível perceber que o fenômeno da iniciação está ligado à experiência de passagem, evoca também, a ideia de mudança espiritual e de condição de vida, supondo ainda, uma espécie de passagem pela morte. Todos os momentos que compõem o processo de iniciação supõem sempre “uma forte dose de decisão e empenho pessoal” (LELO, 2005, p. 18).

Quando se pensa em iniciação religiosa, pode-se observar que o iniciado encontra-se diante de um mundo novo, desconhecido. E a entrada lhe é possibilitada, através de uma ação ritual que, além de lhe garantir uma forte experiência do sagrado, o conduz “ao seio da própria vida, que reclama sentido e forças para alcançar sua plenitude” (LELO, 2005, p. 25).

A iniciação religiosa é fundamentalmente aprendizado, constituída por três elementos fundamentais (FLORISTÁN, 1995): a instrução, os ritos e a estrutura.

Em relação à instrução, é mais direcionada para a preparação espiritual, revestida da dimensão do sagrado. Já os ritos de passagem, produzem uma mudança ontológica. Quanto à estrutura, sempre resguarda a dimensão sobrenatural. Consta, também, de um simbolismo da morte iniciática, que por sua vez, assinala para o novo nascimento (FLORISTÁN, 1995).

É possível, ainda, destacar que o processo da iniciação deve seguir os seguintes passos (FLORISTÁN, 1995): ruptura, provas e adesão à comunidade.

Na verdade o iniciante é chamado a romper com a vida anterior à graça, deixar o pecado, não mais ceder aos instintos pagãos. Tais rupturas são alcançadas, por meio de provas às quais o iniciante é submetido, para que fortaleçam suas escolhas, amadureçam sua consciência moral e o ajudem a controlar os instintos e as vontades, contrárias ao novo projeto de vida. Esse processo deve levá-lo, quando alcança o status de iniciado, a tornar-se membro ativo e adulto da comunidade (FLORISTÁN, 1995).

Outro aspecto importante na iniciação religiosa é o grupo do qual o iniciado faz parte. Como o caráter de aprendizado é importante nesse processo iniciático, a comunidade tem a missão de acompanhar o crescimento do iniciado e, aos poucos, acolher o novo membro e, também, testemunhar a alegria de viver a vida que desejam transmitir ao novo membro da comunidade (LELO, 2005).

No contexto atual, em que a fé passa a ser uma questão pessoal, a vida em comunidade perde a centralidade e a Igreja passa a ser vista como uma Instituição ultrapassada, a iniciação cristã é desafiada a “apresentar a identidade nova do ser em Cristo como realidade transformadora” (LELO, 2005, p. 9). Além de resgatar o sentido comunitário da fé, desperta, no iniciado, o desejo de inserir-se numa comunidade “por meio dos sacramentos de entrada e a força do Espírito de Jesus Cristo” (FLORISTÁN, 1995, p. 27).

Para Pierpaolo Caspani (2013), é possível identificar três modelos em relação à iniciação cristã: pedagógico, sacramental, interpretação antropológica (CASPANI, 2013). Trata-se, na verdade, de três maneiras diversas de compreender e apresentar a iniciação. Na sequência, um pouco mais de cada um deles.

O primeiro modelo é o pedagógico que se refere à iniciação como itinerário. Esse enfoque está muito presente no âmbito da pastoral e da catequese. Entender a iniciação cristã como itinerário significa que “a iniciação cristã é a sigla que indica todo o processo, através do qual um sujeito torna-se cristão, ou na lógica do aprendizado, aprende a ser cristão” (CASPANI, 2013, p. 18).

Apreendida, como itinerário, a iniciação cristã auxilia a não pensar os sacramentos como momentos fechados em si mesmos, mas inseridos “em um itinerário de fé mais global” (CASPANI, 2013, p. 18). Ou seja, identifica-se a iniciação cristã e o processo global do tornar-se cristão.

Tal compreensão tende a ser um auxílio para a superação de uma prática pastoral “apoiada na administração dos sacramentos” (CASPANI, 2013, p. 18). No entanto, é necessário reconhecer dois riscos nesse modelo pedagógico: o primeiro é o de ofuscar o sentido dos sacramentos. E o segundo é o de compreender indevidamente o sentido da iniciação. Uma vez que se identifica a iniciação “substancialmente com a formação, acaba-se por dizer da iniciação o mesmo que se diz da formação: que deve ser permanente” (CASPANI, 2013, p. 19). O que, por sua vez, extrapola o próprio sentido de iniciação “que deve ser aplicado ao momento inicial e fundante da existência cristã” (CASPANI, 2013, p. 19).

O segundo modelo apresentado por Caspani é o sacramental, ou seja, a iniciação acontece mediante os sacramentos. Bastante focado pela liturgia, esse modelo compreende que a iniciação “não se identifica com a catequese preparatória aos sacramentos, mas com o mesmo rito sacramental” (CASPANI, 2013, p. 20).

Por fim, o terceiro modelo faz referência à antropologia cultural. E compreende a iniciação como busca de identidade, em que os ritos são passagens iniciáticas e a dinâmica da iniciação cristã é precisada com “referência às categorias da antropologia cultural” (CASPANI, 2013, p. 21).

Com base na antropologia, pode-se dizer que a “iniciação responde a uma busca de identidade por parte do sujeito que deseja conhecer a si próprio e situar-se na sociedade com um estatuto reconhecido” (CASPANI, 2013, p. 23). Assim, a especificidade da iniciação cristã é “a primeira passagem que uma pessoa crente reatualiza. Não é um mito atemporal, imaginário, mas Um Acontecimento. É a Páscoa do Senhor” (CASPANI, 2013, p. 23).

Embora a interpretação antropológica pareça favorecer a compreensão da iniciação à fé e à vida cristã, Caspani destaca o fato de que a “sigla ‘antropologia cultural’ cobre uma série de orientações e metodologias muito diversas entre elas” (CASPANI, 2013, p. 24) e isso dificulta a compreensão. Realmente o fato de que não é “qualquer metodologia antropológica que serve para a teologia” (CASPANI, 2013, p. 24) alerta para o risco de se elaborar propostas confusas e desligadas da realidade, a qual se encontram os que devem ser iniciados (CASPANI, 2013).

Segundo Caspani (2013) a melhor definição para a iniciação cristã é a que se encontra no RICA, ou seja, “uma compreensão sacramental da iniciação cristã definida como a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo” (CASPANI, 2013, p. 26).

Percebe-se, portanto, uma “figura de iniciação que compreende, no seu interior, o momento sacramental e o itinerário catecumenal” (CASPANI, 2013, p. 29). Não se trata de um momento de iluminação, mas sim que,

“se reconhecemos nos sacramentos o elemento determinante do processo que conduz a tornar-se cristão e o assumimos como ponto de prospecção da abordagem, conseguimos recuperar o sentido do itinerário na sua totalidade” (CASPANI, 2013, p. 29).

Na verdade, o ponto de partida são os sacramentos que “prioritariamente realizam a iniciação, isto é, introduzem um crente no mistério de Cristo e da Igreja” (CASPANI, 2013, p. 29). Não se trata de um momento a mais, na verdade, o momento sacramental é o momento iniciador, onde “Cristo mesmo que nos inicia, introduz-nos na relação consigo e com o próprio corpo eclesial” (CASPANI, 2013, p. 30).

Enquanto, comumente, se entende a iniciação como itinerário complexo, multiforme, prolongado no tempo, Caspani enfatiza que na perspectiva sacramental “a iniciação cristã não tem a função de apontar para a dimensão processual do tornar-se cristãos, mas designa o momento sacramental fundante” (CASPANI, 2013, p. 30).

Pode-se pensar que tal perspectiva minimiza a importância da catequese desenvolvida no catecumenato. No entanto, a perspectiva sacramental põe à luz o verdadeiro objetivo do catecumenato que é o de “levar o crente a se dispor para ser iniciado e habilitado a viver a existência cristã que é aberta pelo ato sacramental” (CASPANI, 2013, p. 30).

Ao pensar a iniciação cristã apresenta-se a ação catequética como espaço de encontro com a pessoa de Jesus Cristo, encontro capaz de transformar a vida, levar o fiel a assumir sua vocação de batizado e tornar-se um discípulo missionário.

Na perspectiva sacramental, Caspani acredita que é possível identificar os elementos fundamentais da iniciação cristã: os sacramentos em sua unidade e o itinerário que conduz a eles. Não se trata de desmerecer a linguagem catequética de “itinerário”, de “processo”, de “caminho”, antes é possível recuperar a interação entre momento sacramental e caminho de preparação.

Devido a importância do catecumenato dentro da iniciação cristã, convém deter-se um pouco mais sobre o assunto.

2.1.4 Catecumenato: história e resgate

2.1.4.1 Breve histórico do desenvolvimento do catecumenato

O catecumenato é uma instituição eclesial de tipo pastoral-litúrgica para adultos que desejam tornarem-se cristãos. Nasce com as comunidades primitivas e se consolida, através das experiências, até se tornar a etapa fundamental da iniciação cristã (CAVALLOTTO, 1996).

Em seu período mais intenso o catecumenato pode ser identificado como uma séria e original proposta formativa-pastoral. Um caminho para quem deseja tornar-se cristão, pois a finalidade do processo catecumenal é formar verdadeiros discípulos de Cristo (FLORISTÁN, 1993).

A catequese é fundamentalmente bíblica e a formação se apoia numa tríplice experiência: escuta da Palavra de Deus, exercícios ascético-espirituais, rito-celebração. A catequese busca suscitar uma resposta de fé, renovação espiritual e mudança de vida (LAITI, 1996).

A primeira fase do catecumenato se concentra, do século II, até a primeira metade do IV século. Nesse período o catecumenato representa um processo formativo exigente, que se realiza por um longo período de tempo, com duração de dois a cinco anos. Supõe-se dos fiéis, uma primeira orientação ao cristianismo e uma fé inicial, que deve progredir conforme o catecúmeno avança na caminhada formativo-espiritual (FLORISTÁN, 1993).

A formação é rigorosa e exigente, destinada ao crescimento na fé e na vida cristã, consiste na explicação do aspecto essencial da mensagem cristã, do entendimento das verdades da fé e da instrução moral. É um caminho formativo-espiritual e o catequista é visto como verdadeiro formador. O papel da comunidade é o de acompanhar o catecúmeno com a oração e o exemplo (LAITI, 1996).

É um tempo de combate espiritual, tempo de formação, de renovação interior, de crescimento. É um aprendizado global da vida cristã, para ajudar os novos crentes a tornarem-se discípulos de Cristo (CAVALLOTTO, 1996).

Os componentes fundamentais do processo catecumenal, nessa primeira fase, são a ação de Deus e o empenho da pessoa; um processo que se desenvolve em etapas; itinerário catequético, ascético e litúrgico, cuja realização ocorre dentro de um caminho comunitário (CAVALLOTTO, 1996).

Ao final da preparação catecumenal, o candidato é submetido à avaliação de quem o acompanha, da comunidade e, também, de pessoas cristãs mais próximas a ele, para constatar o progresso espiritual (CAVALLOTTO, 1996).

A segunda fase do catecumenato, da segunda metade do IV século até o V (FLORISTÁN, 1993), situa-se após a paz de Constantino. Nota-se agora uma clara divisão do caminho de iniciação em duas etapas. A segunda, de preparação mais intensa para a recepção dos sacramentos, passa a coincidir, cada vez mais, com o período da Quaresma. É possível constatar um enriquecimento litúrgico (CAVALLOTTO, 1996).

O motivo das mudanças é também social, uma vez que o cristianismo assume uma posição de relevo social, ou seja, passa de perseguido para privilegiado e isso atrai a atenção de muitos. Cavallotto (1996) observa que, nessa segunda fase, as exigências já não são tão severas e a formação assume um caráter essencialmente catequético, ministrada nas homilias.

A etapa que precede o catecumenato, não mais exige mudança de vida, mas sim uma escolha mais consciente do cristianismo e um pedido explícito do batismo. A mudança de vida passa a ser exigida mais para frente, pode levar, até mesmo, a vida toda do catecúmeno para que a conversão aconteça (CAVALLOTTO, 1996).

A terceira fase do Catecumenato, do V ao VII século, é identificada como um período de progressivo enfraquecimento. O catecumenato inicia um lento declínio que o leva ao total desaparecimento (CAVALLOTTO, 1996).

Nesse período se percebe, cada vez menos, o sentido de um processo formativo e, cada vez mais, a passagem ritual pelo batismo. O sacramento chega primeiro que a formação. O batismo de crianças se generaliza, o caminho catecumenal se reduz a uma breve etapa em vista do batismo. Geralmente coincide com a Quaresma e a duração é de poucos encontros, nos quais, a preocupação maior é a preparação litúrgica e a formação se limita a um caminho ritual. A figura do catequista perde o caráter de formador, é enfatizada a responsabilidade dos pais e padrinhos na formação espiritual da criança recém-batizada (CAVALLOTTO, 1996).

Aos poucos se caminha para o fracionamento dos três sacramentos da iniciação e o desligamento da celebração da Páscoa consolidada ao longo dos séculos. Multiplicam-se os batizados, por isso não mais somente o bispo pode realizá-lo, como também o padre. Outro caráter que sofre grande mudança é que os

ritos, antes distribuídos em várias celebrações, tornam-se cada vez mais, um único momento e são todos realizados numa única celebração (CAVALLOTTO, 1996).

A partir do século VI se consolida um novo modelo, pois se percebe a opção, cada vez mais clara da Igreja, por batizar crianças, cujo processo formativo se reduz à celebração do sacramento. Por fim, o catecumenato, como processo de formação cristã, desaparece por completo a partir do século VII (CAVALLOTTO, 1996).

Com o fim do catecumenato dos adultos, a catequese de “800 a 1500, cada vez mais foi ficando com as crianças, limitadas aos rudimentos da fé” (NERY, 2001, p. 71). É um salto grande na história, contudo é a realidade pela qual a catequese passa em que, de forma mais intensa, a educação religiosa das crianças é compromisso da família, enquanto que, aos adultos que se convertem, embora seja uma realidade cada vez menos frequente, ministra-se uma instrução catequética diversa.

A prática da catequese para crianças vai se fortalecendo e os séculos seguintes apresentam estudos e avanços nessa dimensão. A preocupação é sempre a doutrinal, a de explicar o catecismo. É, portanto, a fase da instrução religiosa em vista de uma melhor celebração dos sacramentos (NERY, 2001). Entretanto o Concílio Vaticano II propõe para toda a Igreja, a retomada do catecumenato de adultos (SC 64).

2.1.4.2 O resgate do catecumenato

O Vaticano II pede aos bispos que providenciem o restabelecimento do catecumenato (CD 14) entendido como um tempo para “conveniente instrução” (SC 64) para que possa ser desenvolvida a conversão, suscitada pelo anúncio de Cristo (AG 13). Por isso o próprio Concílio enfatiza que a natureza do catecumenato não é de “mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação de toda a vida cristã” (AG 14).

Não se trata apenas da exposição doutrinal, há de se ter presente também a dimensão litúrgica do catecumenato, uma vez que os catecúmenos devem ser iniciados nos mistérios da salvação, também através da celebração litúrgica.

Com a clareza de que todo o processo de aprendizagem tem o “fim de unir os discípulos com Cristo seu Mestre” (AG 14) no catecumenato deve-se aprender “pelo

testemunho de vida e pela profissão de fé a cooperar, ativamente, na evangelização e edificação da Igreja” (AG 14).

Após o Concílio, vários documentos contemplam o estudo da iniciação cristã e ampliam a compreensão do catecumenato. O primeiro desses documentos é o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) que oferece à Igreja uma extraordinária riqueza litúrgica e uma preciosa fonte pastoral para o resgate do catecumenato. A seguir a análise de alguns documentos pertinentes ao tema da iniciação.

2.2 A CONTRIBUIÇÃO DOS DOCUMENTOS DA IGREJA NA COMPREENSÃO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

2.2.1 A iniciação cristã conforme o RICA

O RICA, embora seja um livro litúrgico, não está restrito ao âmbito da liturgia, porque propõe um “itinerário progressivo de evangelização, catequese e mistagogia” (LIMA, 2009, p.13). Mesmo não sendo um livro catequético “deve integrar o processo catequético” (LIMA, 2010, p.13).

O Ritual não possui o conteúdo da catequese, antes faz uma descrição dos tempos e ritos da iniciação, e permite unir o caminho de formação e de celebração.

O RICA apresenta também, a unidade dos três sacramentos da iniciação, e afirma que “de tal modo se completam os três sacramentos da iniciação cristã, que proporcionam aos fiéis atingirem a plenitude de sua estatura no exercício de sua missão de povo cristão, no mundo e na Igreja” (RICA, Observações preliminares 2).

Na introdução ao rito da iniciação destaca-se a importância da comunidade, chamada a ser exemplo de obediência generosa a Deus, e assim, desperta no catecúmeno o mesmo desejo.

Para o RICA a iniciação cristã é representada pela celebração unitária “do Batismo, Confirmação e Eucaristia, da qual é sujeito um adulto responsável, que percorre o itinerário catecumenal” (CASPERANI, 2013, p.28). Assim, o elemento determinante para a iniciação cristã é o momento sacramental, ou seja, são os sacramentos, os quais realizam a iniciação, que “introduzem um crente no mistério de Cristo e da Igreja e, portanto, na fé-existência cristã” (CASPERANI, 2013, p. 29).

A ênfase nos sacramentos não tira o sentido do catecumenato, na verdade clareia o significado do mesmo, visto que não é o catecumenato que realiza a

iniciação; ele leva o crente a se dispor a ser iniciado mediante o “acontecimento sacramental e ser habilitado a viver a existência cristã que é aberta pelo ato sacramental” (CASPANI, 2013, p. 30).

O RICA apresenta uma estrutura para a iniciação cristã que visa a recuperar elementos importantes da tradição cristã. Ao evidenciar a estrutura sublinha que “os elementos do processo iniciático estão estritamente unidos, formando um conjunto. Tais elementos são considerados organicamente, cuja interpretação deve tomar em conta sua função na totalidade do rito” (LELO, 2005, p. 36).

Segundo o RICA, o modelo ordinário de iniciar um adulto é composto de três etapas, três ritos e quatro tempos:

- a) As três etapas: recepção ao catecumenato, preparação mais intensa para os sacramentos e recepção dos sacramentos da iniciação cristã, são passos “pelos quais o catecúmeno, ao caminhar, como que atravessa uma porta ou sobe um degrau” (RICA 6). Apresentam um novo avanço e marcam o itinerário catecumenal e, de certo modo, o amadurecimento do candidato na busca de uma nova perspectiva de vida (LELO, 2005);
- b) Os três ritos: da instituição dos catecúmenos, da eleição e da celebração dos sacramentos, marcam as etapas, pelas quais, o catecúmeno passa. São celebrações que devem ser realizadas na presença de toda a comunidade de fé (RICA 6). Cada celebração “assinala um tempo de chegada e um tempo de partida” (LELO, 2005, p. 38);
- c) Os quatro tempos: pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação e mistagogia. São tempos sucessivos destinados à informação e amadurecimento (RICA 7). Preparados pelos ritos de passagem “os tempos devem ser ultrapassados seguindo a direção do menos compromisso ao maior empenho” (LELO, 2005, p. 38).

O RICA compreende “a iniciação em função do itinerário espiritual” (LELO, 2005, p. 39), a conversão é o princípio metodológico do seguimento. Trata-se, na verdade de um caminho espiritual marcado pelo processo gradual, onde o “indivíduo é levado a conhecer o mistério, converter-se de seus costumes e modo de ver o mundo, até ser incorporado em Cristo e na Igreja” (LELO, 2005, p. 39).

Existe um quadro sintético comum entre os autores que se dedicam ao estudo e apresentação da iniciação cristã. Em síntese o processo da iniciação cristã pode ser assim apresentado (LELO, 2005, p. 38):

ETAPAS	PRÉ-CATECUMENATO	Entrada, recepção ou admissão no catecumenato	CATECUMENATO	Eleição, inscrição do nome	PREPARAÇÃO QUARESIMAL	Celebração dos sacramentos: vigília pascal	MISTAGOGIA
Duração	Ilimitada		Um ou mais anos		Quaresma		Tempo pascal
Conteúdos	Anúncio do Evangelho		Catequese íntegra e graduada		Preparação imediata		Catequese sacramental e litúrgica
Finalidades	Despertar a fé		Aprofundar a fé		Maturação das decisões		Integrar-se na comunidade
Celebrações	Encontros		Celebrações da Palavra Exorcismos menores Bênçãos		3 escrutínios Entregas do símbolo e do pai-nosso		Eucaristias comunitárias Aniversário do batismo
Funções	Acolhida		Conversão		Iluminação		Contemplação
Categorias	Pré-catecúmenos ou simpatizantes ou interessados		Catecúmenos ou ouvintes		Eleitos ou competentes ou iluminados		Neófitos

Tal quadro sintetiza os tempos e etapas, com seus respectivos ritos, apresentados no RICA permitindo, pois, uma visão total do que, segundo o próprio RICA, é o “modo ordinário de iniciar um adulto” (LELO, 2005, p. 37).

Veja-se, na sequência, cada tempo desse processo.

2.2.1.1 Pré-catecumenato

“Embora o Rito de iniciação comece pela admissão ao catecumenato, o tempo anterior ou o pré-catecumenato tem grande importância e habitualmente não deve ser omitido. É o tempo da evangelização em que, com firmeza e confiança, se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo” (RICA, 9).

O pré-catecumenato não é apenas um momento para despertar a fé. Na verdade o contexto atual exige que seja, também, um momento de reavivar a fé. Ou seja, de resgatar, talvez melhor compreender, o sentido das Escrituras (Estudo CNBB 97).

Uma imagem bíblica que pode ilustrar o sentido de reavivar a fé é a passagem dos Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).

Segundo a narrativa de Lucas, dois discípulos saem de Jerusalém para Emaús, pelo caminho conversam sobre os fatos, em Jerusalém, e como Jesus morre (Lc 24, 19). Eles conhecem Jesus, são seus discípulos, têm suas esperanças em relação ao Mestre (Lc 24, 21).

Todavia, estão decepcionados, pois sabem do final, a crucificação é um golpe fatal nas expectativas messiânicas que nutrem. Embora tenham escutado sobre a experiência das mulheres que encontram o túmulo vazio e voltam afirmando que ele está vivo, os dois não conseguem acreditar por que ninguém havia visto o Senhor (Lc 24, 22-24). A confusão é tamanha que eles não reconhecem Jesus, “seus olhos estavam impedidos” (Lc 24, 16).

Jesus escuta-os com atenção, permite que expressem sua decepção e somente quando terminam de falar, ele se pronuncia e “começando por Moisés e passando por todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras as passagens que se referiam a ele” (Lc 24, 27). É o próprio Ressuscitado que lhes esclarece que o Cristo “é o Servo Sofredor na absoluta fidelidade ao amor e à missão recebida de Deus” (GEVAERT, 2009, p.126).

Somente quando terminam o percurso é que os discípulos o reconhecem (Lc 24, 31). A admiração toma conta dos dois que se maravilham e exclamam: “não ardia nosso coração quando ele falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24-17). Na mesma hora retornam à Jerusalém e se reúnem com os outros discípulos (Lc 24, 34).

O encontro que têm com Jesus, o aprofundamento das Escrituras, ajuda-os a resgatar a alegria de seguir o Mestre e de pertencer à comunidade. Jesus não força, não impõe o anúncio, ele se “põe a caminho com eles, interroga, os convida a narrar a própria história de vida e partindo daí, evangeliza” (GEVAERT, 2009, p.126).

No tempo do pré-catecumenato o contato com a Palavra, através da oração, da escuta e do anúncio dos catequistas deve chamar para o seguimento de Jesus. É

um primeiro contato e deve ser feito de tal modo que desperte, em quem escuta, o desejo de conhecer sempre mais.

Diante da importância e da necessidade do anúncio, observa-se que o pré-catecumenato não se trata, apenas, de um momento anterior à catequese. Na verdade, “esse é o tempo de despertar ou reavivar (para os que já tiveram alguma participação) a fé em Jesus Cristo e a conversão, tempo de perceber melhor a função da Igreja” (Estudo CNBB 97, 79).

O pré-catecumenato é a fase que se desenvolve entre o anúncio do Evangelho e o ingresso no catecumenato. É um tempo marcado pelo gesto de acolher, por parte da comunidade, e também pelo desejo de crer em Jesus Cristo, de converter-se, por parte de quem deseja tornar-se cristão.

Essa fase é importante, não apenas por preceder o catecumenato, mas também porque é o pré-catecumenato que transforma o simpatizante em candidato à iniciação cristã (FLORISTÁN 1993).

Nesse período é relevante a dimensão da acolhida. De fato as comunidades precisam estar preparadas, pois “no modelo catecumenal, em qualquer época do ano, as pessoas que querem viver o processo são recebidos por um catequista” (Estudo CNBB 97, 78). Assim, percebe-se a necessidade de pessoas preparadas para orientar àqueles que procuram a comunidade.

Muito se questiona que a procura pela catequese na fase adulta, nas comunidades da diocese, é somente, pela necessidade de terminar a iniciação sacramental ou até mesmo, receber o primeiro dos sacramentos, o batismo, em vista de uma necessidade momentânea. Porém, mesmo que esta seja a motivação manifesta, não se pode esquecer que a “catequese está intrinsecamente ligada com toda a ação litúrgica e sacramental” (CT 23). Quer dizer que o fato de a porta de entrada ser, talvez, apenas a necessidade sacramental, não se pode menosprezar a oportunidade de oferecer a quem procura, “um conhecimento sério do que significam os sacramentos” (CT 23).

No pré-catecumenato a Palavra de Deus é central. Afinal, é preciso lembrar que este “é o momento do primeiro anúncio, em vista da conversão, quando se explicita o querigma” (DNC 46a).

“não é somente uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo de Jesus Cristo. Sem o querigma, os demais aspectos desse processo estão condenados à esterilidade, sem corações verdadeiramente convertidos ao Senhor. Só a partir do querigma acontece a possibilidade de uma iniciação cristã verdadeira” (DAp 279a).

O termo querigma deriva de um verbo grego *keryssein*, cujo significado pode se traduzir por pregar, proclamar. É importante destacar que querigma “designa, já desde os primeiros dias do cristianismo, o núcleo central da ‘boa notícia’ da salvação de Jesus Cristo” (PERUZZO, 2010, p.29).

Identificado também, como o primeiro anúncio do Evangelho, o querigma tem, como essência, proclamar um acontecimento de salvação: Jesus, o homem de Nazaré, é o Filho de Deus que assume a humanidade e por sua morte e ressurreição salva a todos.

O objetivo do querigma, não é apenas suscitar a simpatia e admiração. Este anúncio deve ser “o meio para alcançar a disponibilidade para a fé, juntamente com o desejo de tornar-se discípulo” (GEVAERT 2009, p. 81).

Não se trata, portanto, de um mero informar alguns fatos alheios à pessoa que escuta. Na verdade o querigma tem um objetivo claro a ser alcançado. Trata-se de anunciar para “suscitar a fé nos ouvintes, a convidá-los à conversão, a manter o vigor da adesão à pessoa de Jesus, como Senhor e Salvador” (PERUZZO, 2010, p. 29).

Deve-se ter clareza ao anunciar, pois não se trata de dar a conhecer um homem qualquer, não se quer tornar conhecido alguém que seja visto como um homem descontente com a sociedade da sua época, e que se torna um revolucionário social. Deve-se apresentar Jesus como “um homem totalmente absorto em Deus e, por isso, benéfico, reconciliador, libertador em relação ao ser humano” (GEVAERT, 2009, p.82).

O momento do querigma é o espaço do contato com um anúncio feito por quem sente a alegria de ter sido encontrado por Jesus e deseja o mesmo para seus irmãos.

O anúncio do Evangelho é um compromisso para o cristão e deve ser assumido com alegria e responsabilidade para que o

“mundo do nosso tempo que procura, ora com angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desencorajados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho, cuja vida irradie fervor, pois foram os que receberam primeiro em si, a alegria de Cristo; e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o Reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo” (EN 80).

É preciso atenção para o fato de que a preocupação com o anúncio querigmático, não é de despertar uma fé sólida, esclarecida, aprofundada. É o

momento de “entrar, pessoalmente, na relação de fé e na perspectiva da revelação de Deus para nós” (GEVAERT, 2009, p. 83). Esse é o tempo da conversão inicial, da primeira escolha que é consolidada, esclarecida e levada à sua suficiente completeza no catecumenato.

Não se deve exigir, ainda, um comportamento moral que corresponda à novidade de vida. Esse é um empenho para a vida toda. Nessa fase do pré-catecumenato, o querigma deve iluminar a mente e o coração do ouvinte, predispor-lo ao seguimento de Jesus e a continuar o caminho iniciado. Ao encontrar-se com a pessoa de Jesus Cristo o pré-catecúmeno sente a motivação de seguir adiante.

Como o catecumenato foi abordado anteriormente (no ponto 2.1.4), segue-se com a apresentação dos ritos celebrados durante o tempo do catecumenato.

2.2.1.2 Os ritos do catecumenato

“Os tempos a serem ultrapassados são considerados tempos de informação e amadurecimento, que são preparados pelos ritos de passagem. Cada celebração de um rito de passagem assinala um tempo de chegada e um ponto de partida. As três etapas que o candidato ultrapassa representam um novo avanço, marcam existencial e liturgicamente o itinerário catecumenal. Essa passagem depende da maturidade do candidato, de sua adesão de fé às propostas oferecidas desde o contato com a Palavra, a liturgia e a catequese” (LELO, 2005, p.38).

O RICA tem o objetivo “de manifestar o laço intrínseco existente entre a ação de Deus, significada pelos ritos, e o progresso do catecúmeno rumo ao batismo” (LELO, 2005, p.39). Isso significa que o RICA compreende a iniciação em função do itinerário espiritual que se desenvolve, através de um caminho gradativo, marcado por ritos de passagem, que visam a levar o indivíduo ao conhecimento de Jesus Cristo, que gera gradativa transformação na sua maneira de viver e de ver o mundo, rumo à completa incorporação em Cristo, através da vida em comunidade.

Os ritos do catecumenato não são sinais mágicos, são “como dados da experiência e como estruturas portadoras de uma fé vivida na comunidade” (LELO, 2005, p.40).

O primeiro rito é a celebração da entrada no catecumenato, assim apresentado pelo RICA

“celebra-se o rito de admissão entre os catecúmenos quando as pessoas que desejam tornarem-se cristãs, tendo acolhido o primeiro anúncio do Deus vivo, já possuem a fé inicial no Cristo Salvador [...] haja um início de conversão, de fé e de senso eclesial” (RICA 68).

O rito de acolhida deve ser celebrado em clima de alegria por pertencer a Cristo e à sua Igreja. O candidato pede para participar da fé da comunidade e esta deve ser testemunha do grande bem que é ser batizado e membro da Igreja de Cristo. Através do diálogo com o presidente, o candidato apresenta seu desejo de receber a fé. Esse diálogo demonstra que não se trata de uma entrada individual, embora dependa sim, da vontade do candidato “o encontro com o Senhor realiza-se por meio de sua Igreja e esta se faz educadora daqueles, que chamados a uma primeira fé, vêm receber o dom total do Senhor” (LELO, 2005, p.54).

A celebração seguinte é a do rito dos primeiros exorcismos, ou exorcismos menores que devem

“manifestar aos catecúmenos as verdadeiras condições da vida espiritual, a luta entre a carne e o espírito, a importância da renúncia para alcançar as bem-aventuranças do reino de Deus e a necessidade contínua do auxílio divino” (RICA 101).

Nesse momento o catecúmeno é chamado a trilhar um caminho de conversão sempre crescente e os exorcismos pedem força para isso, ao invocar a presença de Deus no íntimo de cada coração, iluminando-os para que possam reconhecer-se pecadores.

Assim, o efeito dos exorcismos só pode ser a libertação e o reconhecimento da misericórdia de Deus, para então, colocar-se “como discípulo bem disposto pela graça e preparado para conhecer e seguir a vontade do senhor manifestada no Evangelho” (LELO, 2005, p. 63).

Após os exorcismos, tem-se o rito da bênção dos catecúmenos que buscam “expressar o amor de Deus e a solicitude da Igreja, a fim de que, não possuindo ainda os sacramentos, recebam da Igreja coragem, alegria e paz, para continuarem o trabalho e a caminhada” (RICA 102).

Através das bênçãos, os catecúmenos são apresentados à nova realidade que se abre com o batismo, pois as fórmulas sempre se referem ao sacramento dentro da história da salvação. Visam, ainda, ao crescimento espiritual dos catecúmenos e os predispõem ao batismo. São seguidas pela unção que se mostra um sinal com dupla finalidade, “tem caráter preparatório para o batismo, como também, para toda a vida cristã batismal” (LELO, 2005, p.65).

O RICA permite antecipar as entregas do Símbolo e da Oração do Senhor que seriam do período da purificação e iluminação, tendo em vista a possibilidade de faltar tempo, aos mesmos, no momento devido (RICA 103). Portanto, podem ser

celebradas no tempo do catecumenato, porém, é indispensável que os catecúmenos deem sinais de “maturidade. Em caso contrário, não se realizem” (RICA 125).

Os documentos entregues simbolizam a fé e a oração da comunidade que, desde a antiguidade, define a identidade da Igreja de Cristo. Em primeiro lugar os catecúmenos recebem o Símbolo que “guardarão de memória e recitarão em público antes de professarem, no dia do Batismo, a fé que ele expressa” (RICA [183]).

Quanto à entrega da Oração do Senhor é importante ter presente que “é essencialmente uma iniciação à oração, pela qual, o eleito prova a experiência da adoção de filho que o levará a voltar-se para Deus, chamando-o de Pai” (LELO, 2005, p.90).

2.2.1.3 Tempo da purificação e iluminação

“Neste tempo, que costuma ocorrer na Quaresma e se inicia com a ‘eleição’, os catecúmenos se entregam ao recolhimento espiritual com a comunidade dos fiéis, a fim de se preparem para as festas pascais e a iniciação nos sacramentos. Para isso lhes são proporcionados os escrutínios, as entregas e os ritos de preparação imediata” (RICA 152).

Esse tempo tem início com a celebração da inscrição do nome ou eleição dos candidatos. É o tempo que dá “acabamento à preparação anterior, na medida em que está mais relacionada à vida interior” (LELO, 2005, p. 71). Tem caráter de preparação espiritual que intensifica o processo de conversão.

Como, em todo o processo, também nesse tempo, a participação da comunidade é essencial para ajudar o novo membro a compreender que “entrar para a Igreja, quer dizer possuir capacidade pessoal para desenvolver a dimensão comunitária da Salvação” (LELO, 2005, p.73).

O rito da eleição deve ser celebrado no primeiro domingo da Quaresma. Nos domingos seguintes celebram-se os escrutínios, cuja finalidade é espiritual. O que se procura por eles “é purificar os espíritos e os corações, fortalecer contra as tentações, orientar os propósitos e estimular as vontades, para que os catecúmenos se unam mais estreitamente a Cristo” (RICA 154).

Faz parte, ainda desse tempo, os ritos de preparação imediata celebrados no sábado santo pela manhã, ou no começo da tarde (RICA 193-207).

O caminho de preparação tem seu ponto culminante na celebração sacramental realizada na noite da vigília pascal. A recepção dos três sacramentos

forma uma unidade, visto que são três etapas de um único processo, uma única ação conjunta de três sacramentos que conduz o fiel à maturidade da vida cristã para que ele possa, na Igreja e no mundo, cumprir sua missão de membro do Povo de Deus.

2.2.1.4 Mistagogia

“Por todo o tempo pascal, ocupem os neófitos, nas missas de domingo, lugar especial entre os fiéis e todos procurem participar da missa com seus padrinhos. Sejam lembrados na homilia e, se oportuno, na oração dos fiéis” (RICA 236).

Após a recepção dos sacramentos, os novos cristãos são convidados a aprofundar o caminho realizado e os sacramentos celebração. Por isso, esse é um tempo de “introdução no sentido profundo, como participação na vida de Cristo” (LELO, 2005, 119).

O tempo da mistagogia é o momento da comunidade ajudar o cristão a aprofundar a riqueza do evento sacramental da iniciação e a implicação que todo o simbolismo da celebração tem para a formação da vida do fiel.

Durante todo o tempo pascal, os que foram iniciados, são convidados para participar das celebrações na comunidade. Esse tempo é marcado pelo aprofundamento espiritual e é, através da vida litúrgica da comunidade e, também, das catequeses, que são orientados para o sentido da vivência litúrgica com a participação nas celebrações da comunidade.

O RICA sugere que se marque com uma celebração o encerramento desse tempo, ao término do tempo pascal. Com este tempo encerra-se o período da iniciação e o cristão, novo membro da Igreja, é chamado a vivenciar sua trajetória de cristão inserido em seu contexto, encontrando na liturgia “a forma ordinária de viver integralmente a graça recebida no sacramento” (LELO, 2005, p.138).

2.2.2 A iniciação cristã na *Catechesi Tradendae* e na Catequese Renovada

Para a exortação *Catechesi Tradendae* a catequese é chamada, não apenas, a difundir o mistério de Cristo, como também “levar alguém, de certa maneira, a perscrutar este mistério em todas as suas dimensões” (CT 5). Assim, é possível

evidenciar o sentido misterioso da catequese, sua dimensão mistagógica: levar os catequizandos a fazer experiência do mistério.

Embora não mencione explicitamente a iniciação cristã, o número 5 da Exortação permite compreender a catequese como uma ação que conduz ao encontro com Jesus Cristo e a uma crescente intimidade com Ele: “a finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (CT 5).

Ao transmitir a doutrina de Cristo não se deve esquecer que “esta doutrina não é um corpo de verdades abstratas: ela é a comunicação do mistério vivo de Deus” (CT 7). Trata-se de um estudo que se insere na vida da pessoa e a convida para acolher o mistério que a ela se apresenta.

A característica iniciática da catequese pode ser apreendida quando se afirma que

“a catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de iniciá-los na plenitude da vida cristã” (CT 18).

Embora a Exortação afirme que o específico da catequese é “fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e mais sistemático de Jesus Cristo” (CT 19). O mesmo número 19 alerta que não se pode esquecer que “a catequese, muitas vezes, há de ter a preocupação, não somente de alimentar e ilustrar a fé, mas também, de suscitá-la incessantemente”.

A catequese, embora sendo um momento distinto, precisa ser constantemente, um espaço de iniciação, no sentido de primeiro contato com a mensagem do Evangelho. Ou, como diz mais tarde a Conferência de Aparecida: “Não temos de dar nada por pressuposto e descontado. Todos os batizados são chamados a ‘recomeçar a partir de Cristo’” (DAp 549).

Ao aprofundar a importância de uma catequese sistemática o número 21 da *Catechesi Tradendae* destaca a necessidade de “uma iniciação cristã integral, aberta a todos os outros componentes da vida cristã”. Não se trata de um momento fragmentado, pelo contrário, a catequese é chamada a inserir-se na realidade da pessoa.

No entanto, o Papa é contundente ao insistir “na necessidade de um ensino cristão orgânico e sistemático, porque em diversas partes nota-se a tendência para

minimizar a sua importância” (CT 21). A mensagem cristã, na sua totalidade, deve ser respeitada e transmitida, e buscar metodologias que permitam, aos catequistas, transmiti-la com conhecimento e segurança.

Quando se relacionam catequese e experiência de vida, a Exortação afirma a impossibilidade de oposição ou exclusão, visto que “a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo” (CT 22). Por isso, não se exclui a vida do ensino da doutrina e vice-versa.

Na Igreja primitiva a catequese, representada pelo catecumenato, e a celebração sacramental estavam interligadas. Constituíam o caminho de iniciação dos novos cristãos. Faz-se necessário reestabelecer essa relação, pois do contrário, “a catequese intelectualiza-se, se não for haurir vida numa prática sacramental” (CT 23) e os sacramentos se perdem em ritualismos vazios sem uma boa fundamentação catequética.

O papel da comunidade é imprescindível na caminhada de iniciação, pois “a catequese corre o risco de esterilizar-se se uma comunidade de fé e de vida cristã não acolher o catecúmeno num certo estágio da sua catequização” (CT 24).

A Exortação ao apresentar a temática da iniciação cristã, “se leva mais em conta o catecumenato pós-batismal do que o pré-batismal e dá mais importância à catequese de adultos que ao catecumenato” (LIMA, 2009, p.15). No entanto, é possível identificar importantes pontos para enriquecer o estudo sobre a iniciação, como os apresentados acima.

O documento Catequese Renovada, assim como o CT, apresenta a iniciação cristã “sob o prisma da catequese com adultos” (LIMA, 2009, p.15). Contudo, é possível colher algumas indicações importantes para corroborar esse estudo.

Ao fazer o resgate histórico da catequese, na vida da Igreja, o número 6 do CR destaca no cristianismo primitivo “uma catequese prolongada e organizada, que tinha como objetivo levar os convertidos à iniciação na vida cristã” (CR 6).

Nesse período, “a catequese introduzia progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade” (CR 7). Ou seja, a catequese de iniciação da fé é, também, uma catequese de iniciação à vida de comunidade.

Depois de séculos de uma ação catequética que parece afastar-se da realidade e considerar mais o aspecto de instrução que o de iniciação, “foi-se redescobrimo na catequese, a importância fundamental da iniciação cristã” (CR 14).

Tal redescoberta é motivada, principalmente, pelas mudanças e transformações históricas e socioculturais, que despertam a necessidade de uma catequese de iniciação cristã que encaminhe para a vida em comunidade (CT 19).

Quando se fala em iniciação cristã se pensa, não apenas a questão de um início, mas sim de um processo. Por isso, é importante a ênfase que a CR dá à catequese permanente, quando afirma que “sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o homem por toda a vida” (CR 129). O Documento enfatiza, ainda, a catequese de adultos na direção da qual “a evangelização e a catequese devem orientar seus melhores agentes” (CR 130). Segundo Pe. Lima “a tese central de CR é a comunidade de fé como a grande catequista; é o lugar por excelência da educação da fé” (2009, p.15).

2.2.3 A iniciação cristã no Catecismo da Igreja Católica e nos Diretórios, Geral e Nacional da Catequese

O ClgC³ trata da temática da iniciação na parte referente à celebração dos sacramentos.

Primeiramente, apresenta os elementos essenciais para a iniciação cristã: anúncio da Palavra, acolhimento que acarreta conversão, profissão de fé e a celebração dos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia (ClgC 1229). Os números seguintes (12230-1232) apresentam um breve histórico de como a iniciação se desenvolve na história.

Importante destacar a afirmação de que “pela sua natureza o Batismo das crianças exige um catecumenato pós-batistal” (ClgC 1231). Assim como o fato de apresentar o ponto culminante da iniciação: “uma única celebração dos três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia” (ClgC 1233).

Embora a preparação sacramental seja imprescindível, o Catecismo não apenas destaca uma catequese para os sacramentos, reconhece que “não se trata somente da necessidade de uma instrução posterior ao Batismo, mas do desabrochar necessário da graça batistal no crescimento da pessoa” (ClgC 1231).

³ A sigla do Catecismo da Igreja Católica encontra várias formas: CaIC, CEC, CIC; são as mais comuns. Não encontramos uma que seja padrão, visto que várias fontes citam de maneiras diferentes. A opção da sigla ClgC explica-se por ser esta a maneira adotada em FERREIRA, Antonio Luiz Catelan (org.) **Os 20 anos do Catecismo da Igreja Católica e o ano da fé**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

Ao abordar a temática da iniciação cristã, o Diretório Geral para a Catequese não se limita à questão da catequese de adultos. Na verdade, “o DGC consagra, para toda a Igreja, a dimensão catecumenal, como essencial para qualquer tipo de catequese” (LIMA, 2009, p. 17).

O DGC insere a Iniciação Cristã e o Catecumenato no processo de evangelização. Afirma ser a iniciação parte da missão da Igreja no anúncio e difusão do Evangelho, todas as formas de catequese (infantil, adolescentes, adultos) precisam exercer uma função iniciática (DGC 47-50).

A catequese, como ação fundamental na construção do edifício da fé, orienta-se para os fundamentos da fé, a catequese de iniciação não é “uma ação facultativa, mas sim uma ação basilar e fundamentação para a construção, tanto da personalidade do discípulo, quanto da comunidade” (DGC 64).

Ao apresentar as características fundamentais da catequese de iniciação o DGC (67) enfatiza que se trata, antes de tudo, de um aprendizado de toda a vida cristã. Por isso deve ser: uma formação orgânica e sistemática da fé, centrada nas certezas fundamentais e nos valores evangélicos.

A catequese “lança os fundamentos do edifício espiritual do cristão, alimenta as raízes da sua vida de fé, habilita-o a receber o sucessivo alimento sólido, na vida ordinária da comunidade cristã” (DGC 67). Por isso, não se reduz ao mero ensino, na verdade, a catequese deve realizar, ao mesmo tempo, as tarefas “de iniciação, de educação e de instrução” (DGC 68).

O Diretório Nacional da Catequese publicado em 2006 “traz a marca de uma catequese evangelizadora. A catequese é concebida dentro do processo de Iniciação Cristã” (LIMA, 2009, p. 20).

O processo catecumenal não é um tema casual. Pelo contrário, assumi-lo como modelo para toda a catequese, é um desafio significativo na atualidade, desafio que envolve toda Igreja (DNC 14f).

Nas primeiras comunidades a catequese faz parte de um processo maior de iniciação. Por isso que “a catequese estava, pois, a serviço da iniciação cristã” (DNC 35).

A atualidade e a importância da iniciação cristã se dão pelo fato de que, em todas as fases, faz-se necessário um processo de aprendizagem. O batismo “exige uma continuação, uma iniciação vivencial nos mistérios da fé” (DNC 36).

Nesse processo é importante a catequese, pois para os já batizados, auxilia a “assumir, concretamente, a própria vida cristã” (DNC 36). Enquanto que, para os não batizados, “a catequese se apresenta como processo catecumenal para a vida cristã” (DNC 36).

A temática da iniciação não é alheia à realidade humana. Na verdade, a iniciação tem ligação profunda com a cultura humana. Embora, atualmente, a sociedade pareça alheia a esses rituais é necessário resgatar a iniciação como “processo a ser percorrido, com metas, exercícios e ritos” (DNC 37).

O DNC não se limita a recomendar a inspiração catecumenal à apenas uma fase (infantil, adolescentes, etc.). A inspiração catecumenal deve iluminar qualquer processo catequético (DNC 45).

Ao recomendar a inspiração catecumenal a todas as formas de catequese o DNC faz uma ressalva para os batizados já introduzidos na graça pelo batismo, a “conversão se fundamenta nesse batismo já recebido, cuja graça devem desenvolver” (DNC 48).

O DNC ainda apresenta a iniciação cristã como obra de toda comunidade de fiéis, pois “sem o compromisso da comunidade como sujeito responsável pela catequese, os catequistas pouco podem realizar” (DNC 237).

2.2.4 A iniciação cristã no processo de formação do discípulo missionário: contribuição do Documento de Aparecida (VI cap.) e do Estudo 97 da CNBB

A temática da iniciação cristã é abordada, no sexto capítulo do documento de Aparecida, quando o mesmo trata do “caminho de formação dos discípulos missionários” (DAp VI cap.).

Para o Documento, a iniciação cristã não é uma opção a mais na ação pastoral da Igreja, trata-se de um “desafio, tarefa irrenunciável que deve ser assumida com coragem” (DAp 289).

Segundo a Conferência, a situação atual exige uma opção coerente por uma dinâmica de educação na fé que leve ao contato com Jesus Cristo e a iniciação cristã “é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAp 288).

Não se trata de uma simples menção. O Documento afirma que a iniciação cristã é uma urgência que precisa ser assumida e desenvolvida nas comunidades.

A maneira de assumir a Iniciação Cristã se dá através de um processo que apresenta um caminho crescente que

“comece pelo querigma e que guiado pela Palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem, experimentado como plenitude da humanidade e que leve à conversão, ao seguimento em uma comunidade eclesial e a um amadurecimento de fé na prática dos sacramentos, do serviço e da missão” (DAp 289).

Importante destacar que a força central da iniciação cristã é a dimensão experiencial e “a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo” (DAp 291).

A finalidade da iniciação cristã é despertar o discipulado e levar a pessoa a assumir características de discípulo. Isto é, ter como centro Jesus Cristo, desenvolver uma espiritualidade centrada na Palavra e alimentada pela vivência dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia. E que se insira na comunidade, assuma, também, seu papel social, sem esquecer a dimensão missionária (DAp 292).

Assumir a iniciação cristã como processo de formação do discípulo exige “novas atitudes pastorais” (DAp 291) e a renovação da modalidade catequética da paróquia” (DAp 294). Não se pode esquecer a catequese permanente, vista como continuação do “processo de amadurecimento da fé” (DAp 294).

Nota-se, portanto, a necessidade de uma catequese que não se limite “a uma formação meramente doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral” (DAp 299).

A iniciação cristã entendida dentro da proposta de formação do Documento de Aparecida apresenta aspectos importantes a serem destacados. De fato, um processo formativo deve contemplar o encontro com Jesus Cristo como momento impactante, que corresponde à busca de sentido para a vida.

O encontro desperta uma resposta inicial que se identifica com a conversão, ou seja, com a mudança de vida que leva a pessoa a aceitar a cruz como caminhada para a vida.

Outro passo importante é o amadurecimento constante que leve ao discipulado, para isso

“são de fundamental importância a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalecem a conversão inicial e permitem que os discípulos missionários possam perseverar na vida cristã e na missão em meio ao mundo que os desafia” (DAp 278c).

Se a formação do discípulo orienta para a adesão e o seguimento, deve, necessariamente, despertar para a comunhão, visto que “não pode existir vida cristã fora da comunidade” (DAp 278d).

O processo de formação deve desenvolver, também, o gosto pela missão, pois “à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado” (DAp 278e).

O Documento ainda apresenta que a finalidade da formação é o de “ajudar os membros da Igreja a se encontrarem com Cristo” (DAp 279). Por isso, insiste num processo integral, no qual, as dimensões se harmonizam e direcionam para o desenvolvimento da pessoa como um todo.

Ao apresentar a iniciação cristã como “maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAp 288), e situá-lo dentro do processo de formação, permite entender à catequese, não apenas, como preparação sacramental, pois ela deve ser orientada para a formação integral do discípulo. Ou seja, uma catequese que se entenda como processo integral de formação.

No ano de 2008, a 46ª Assembleia Geral da CNBB nomeia uma comissão responsável pelo estudo sobre o tema da iniciação cristã. Os estudos dessa comissão dão origem ao texto aprovado pela 47ª Assembleia e publicado com o título: “Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal”, lançado dentro da coleção “Estudo da CNBB”, número 97.

O objetivo do Estudo 97 é traçar orientações para que se possa operacionalizar a iniciação à vida cristã nas paróquias. Nota-se que o texto retoma “a grande prática da iniciação à vida cristã como processo profundo de mergulho na vida cristã” (Estudo 97, p.13).

O texto publicado consta de cinco capítulos que partem da justificativa do “Porquê” da iniciação à vida cristã. Apresenta a definição e o como ela deve se realizar. Sem deixar de evidenciar os destinatários e os principais agentes envolvidos no processo de iniciação à vida cristã.

Na justificativa para a iniciação à vida cristã, o texto da CNBB destaca a busca natural da pessoa por um sentido para a própria vida. Muitos são os caminhos, por isso, se faz necessário ter clareza da proposta cristã, para que o Evangelho seja apresentado como única proposta capaz de satisfazer a pessoa.

Assumir a iniciação cristã é um desafio que se configura como “um apelo para uma Igreja melhor” (Estudo 97, n. 23). Ou seja, é uma possibilidade de renovação tanto para a Igreja, como para cada pessoa.

O segundo capítulo expõe o que a CNBB tem em mente quando fala em iniciação: “é processo de preparação, compreensão vital e de acolhimento dos grandes segredos (mistérios) da vida nova revelada em Jesus Cristo” (Estudo 97, n.61) a.

Ao apresentar, qual modalidade a ser utilizada, o terceiro capítulo aprofunda o catecumenato como inspiração para todo processo.

O quarto capítulo, amplia a visão, ao afirmar que não se trata de destinatários, mas de interlocutores e, não apenas crianças, em preparação sacramental. O n. 112, por sua vez, contempla uma variedade de situações que merecem itinerários especiais, visa sempre a “formar discípulos e missionários de Jesus Cristo, comprometidos com a vida e o dinamismo da Igreja e engajados, generosamente, na construção do Reino de Deus na história” (Estudo 97, n.113).

Por fim o texto torna evidentes os sujeitos e agentes do processo de iniciação cristã. Destaca a importância da formação dos animadores (catequistas, introdutores) e da comunidade, entendida como espaço privilegiado de todo o processo iniciático.

2.2.5 Iniciação cristã como tema da 3ª Semana Brasileira de Catequese e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015)

Nos dias 6 a 11 de outubro, de 2009, realiza-se em Itaipava – SP, a 3ª Semana Brasileira de Catequese (SBC) com o tema “Iniciação Cristã” e o lema “Catequese caminho para o discipulado”.

Como resultado da Semana, são apontadas três orientações em nível nacional: a formação de catequistas com enfoque na Iniciação Cristã; a conscientização da comunidade eclesial sobre a importância da Iniciação Cristã; a retomada da catequese, com adultos, na linha da formação para o discipulado.

A 49ª Assembleia Geral da CNBB, realizada dos dias 4 a 13 de maio, de 2011, aprova as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE), com vigência de 2011 a 2015. A aprovação das DGAE é uma “tentativa de escutar os sinais dos tempos e os desafios que neles se manifestam” (DGAE, 2011, p. 11).

No texto das DGAE a Iniciação Cristã é apresentada como uma urgência que precisa ser assumida, por toda a Igreja, devendo estar atenta à evangelização, pois “quando a realidade se transforma devem, igualmente, serem transformados os caminhos pelos quais passa a ação evangelizadora” (DGAE, 25).

A segunda urgência “Igreja: casa da Iniciação Cristã”, parte da constatação que na atualidade “o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, porém explicitado continuamente” (DGAE 39).

O fato de a Iniciação Cristã ser apresentada como urgência é devido à necessidade de “ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo” (DGAE 40).

Segundo as Diretrizes é urgente uma catequese permanente, que implique na formação dos responsáveis e na elaboração de itinerários “que não se limite a uma formação doutrinal, mas integral à vida cristã” (DGAE 85).

Faz-se necessário desenvolver nas comunidades um processo de iniciação à vida cristã, que conduza ao “encontro pessoal com Jesus Cristo” (DGAE 86). E lembrar que o processo de iniciação implica em atendimento personalizado. (DGAE 87).

Embora se trate da Boa Nova, nada se deve impor, nem forçar para que ela seja acolhida. Pois se trata da “persuasão do testemunho de vida e por uma argumentação sincera e rigorosa” (DGAE 88), e, por isso, exige grande respeito pela liberdade da pessoa.

Em todo esse processo torna-se muito importante a relação interpessoal. Visto que não se busca, num primeiro momento, a doutrina, mas as pessoas buscam “o encontro pessoal, o relacionamento solidário e fraterno, a acolhida” (DGAE 89).

Considerando que a comunidade eclesial é o lugar da Iniciação Cristã e da educação da fé, não se pode deixar de destacar a formação que precisa articular fé e vida, sem reduzir-se a meros cursos. Trata-se, pois, de um processo integral, assumido como prioridade pela comunidade eclesial.

2.3 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O segundo capítulo procura aprofundar o estudo sobre a iniciação cristã, busca nos Documentos da Igreja, auxílio para compreender sua importância e sentido.

Apresenta-se, também o catecumenato, como processo formativo, de preparação para os sacramentos e para a vivência comunitária. O ponto mais alto de todo caminho é a recepção dos três sacramentos, como uma unidade, na vigília da Páscoa.

A reflexão desenvolvida, nos documentos, enfatiza duas dimensões importantes para a iniciação cristã: a sacramental e a catequética.

Enquanto, por um lado, percebe-se o enfoque da iniciação cristã como realização sacramental, acontecida na celebração dos três sacramentos da iniciação, por outro, constata-se a ênfase na caminhada catequética, ou seja, a iniciação como caminho de preparação para a celebração dos sacramentos. E posteriormente, para a vivência da vida nova, recebida no batismo.

A reflexão se amplia para a dimensão comunitária, visto que a iniciação cristã é um meio para inserir a pessoa na vida da comunidade.

O catecumenato é apresentado como modelo para a catequese, ou seja, todas as modalidades da ação catequética devem ser iluminadas pelo catecumenato. Isso demonstra uma concepção de catequese voltada para a dimensão do encontro com Jesus Cristo.

O Concílio Vaticano II compreende a iniciação cristã como responsabilidade de toda a comunidade e a identifica com o catecumenato: fala-se da iniciação cristã que deve ser realizada no catecumenato.

No entanto, o que se sobressai nos documentos é a compreensão da iniciação cristã inserida no processo catequético, isto é, uma catequese como ação que conduz ao mistério, ao encontro com Jesus Cristo. Tem-se a iniciação cristã como processo de crescimento e inserção na vida da comunidade.

A contribuição do DGC insere a iniciação cristã em todas as dimensões da catequese. Reconhece que a catequese encontra-se a serviço da iniciação cristã e que o catecumenato deve ser a inspiração para todas as fases da catequese.

É importante perceber, também, que na perspectiva da iniciação cristã a catequese passa a se compreender como caminho de formação. É ensino, mas também, processo de encontro com Jesus Cristo. Através desse encontro é que acontece o despertar interior e a fascinação por Jesus e, conseqüentemente, a decisão de segui-lo.

A iniciação cristã, portanto, não é mera opção, é tarefa irrenunciável que deve ser assumida por toda a Igreja com coragem e convicção (DAp 289). A Conferência

de Aparecida apresenta a iniciação cristã como a “maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAP 288).

Compreendida como caminho de encontro pessoal com Jesus Cristo, a iniciação cristã mostra-se, atual e necessária, pelo fato de que o ser humano, embora num mundo que tente pregar o contrário, ainda se sente seduzido por uma atração pelo transcendente.

Quando se fala de iniciação cristã, ou iniciação na fé, a referência é, sobretudo, a “ação interior e transformadora operada por Deus, por meio dos sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia” (ALBERICH, 2004).

É necessário compreender o real significado da iniciação cristã, para descobrir a originalidade do processo iniciático primitivo. Pode-se, assim, entender o compromisso missionário da Igreja, bem como, a eficácia do processo formativo para quem deseja ser cristão. A iniciação cristã é um caminho de fé que deve ser vivido na comunidade eclesial, ou seja, cada catecúmeno é chamado a tornar-se cristão, para então, ser admitido ao batismo (CAVALLOTTO, 1996).

Na realidade fala-se de um processo que busca testemunhas e não mestres; que parta da pregação viva e não da mera doutrinação; que desperte adesão por convicção e não participação por obrigação; que introduza a pessoa no Mistério entendido como realidade capaz de mudar a própria vida; que se abra para a comunidade como espaço de concretização e celebração da fé e não como adesão social ou formal. E que, por fim, leve ao compromisso real que se manifesta na missão, marcado por um testemunho concreto e não pela acomodação (ALMEIDA, 2010).

A Iniciação Cristã é um processo integral que parte do encontro pessoal com Jesus Cristo e orienta para a adesão à comunidade, porém só é possível aderir quando se conhece.

Em relação específica com a catequese, a iniciação cristã apresenta-se, como uma experiência de formação, cujo itinerário contempla um processo gradual, que promova conexão dos mistérios da fé com as dimensões pessoais do catequizando, para que se sinta convidado a penetrar nos mistérios a ele apresentados, com entusiasmo e novo ardor.

Não é um tema fácil, porém, o esforço em compreender toda a dinâmica da Iniciação Cristã, como caminho formativo, tem suscitado em várias dioceses,

experiências renovadas no âmbito da catequese e na preparação para os sacramentos.

Nesse segundo capítulo apresento a fundamentação teórica para a iniciação cristã, vejamos, pois, no terceiro capítulo, uma proposta de agir catequético que pretende atualizar as interpelações dos documentos em relação à iniciação cristã.

3. CATEQUESE COM ADULTOS E INICIAÇÃO CRISTÃ: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA O DISCIPULADO

A análise documental, realizada no capítulo anterior, permite perceber que num primeiro momento a iniciação cristã foi vista na ótica da catequese com adultos. O próprio Vaticano II recomenda a reestruturação do catecumenato dos adultos (CD 14). Embora a ação catequética esteja, na prática, toda voltada para a infância e adolescência, os documentos contemplam os adultos como principais destinatários da catequese de iniciação.

O terceiro capítulo orienta a reflexão para a catequese com adultos na perspectiva catecumenal. É importante destacar, também, o sentido da catequese como formação de discípulos e de maneira específica a catequese com adultos, compreendida como espaço da iniciação cristã e, por conseguinte, caminho de formação para o discipulado, pois como diz a Conferência de Aparecida: a iniciação cristã é a maneira prática de iniciar alguém no discipulado (DAp 288).

Num primeiro momento (3.1) o estudo se dedica à explanação sobre o tema da catequese com adultos e o discipulado. Para atingir tal objetivo faz-se uso da pesquisa bibliográfica e documental. De maneira especial utiliza-se o material da 2ª Semana Brasileira de Catequese que reflete sobre a catequese com adultos. Embora pareça repetitiva a pesquisa, por se fazer uso dos mesmos documentos já apresentados nos capítulos anteriores, ressalta-se que a ótica de leitura agora é a catequese com adultos, por isso, são contempladas as citações que podem contribuir para a temática pesquisada.

Num segundo momento (3.2) o estudo retorna à Diocese de Palmas-Francisco Beltrão para apresentar a proposta de catequese com adultos que se desenvolve.

3.1 A CATEQUESE COM ADULTOS: DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Por muito tempo a catequese é orientada para as crianças entendidas como seus principais destinatários.

O Vaticano II, ao incentivar a restauração do catecumenato dos adultos (SC 64), abre caminho para um processo de reflexão que se amplia, cada vez mais.

Em relação ao Magistério universal destacam-se os seguintes documentos: em 1971 é promulgado o “Ritual de Iniciação Cristã de Adultos” (RICA) como concretização do desejo do Concílio de restaurar o catecumenato; também em 1971 é publicado o Diretório Catequético Geral que dá os primeiros passos na reflexão da catequese direcionada aos adultos; em 1979 a Exortação *Catechesi Tradendae* afirma que a catequese com adultos é a “principal forma de catequese e deve ser permanente” (CT 43).

O documento Catequese Renovada (1983), menciona no número 130, a importância da catequese com adultos e a necessidade de destinar “os melhores agentes” na realização da mesma e reconhece a urgência de que os “adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa. E, assim, ultrapassem a fé individualista, intimista e desencarnada” (CR 130).

Em 1997 é publicado o Diretório Geral para a Catequese em substituição ao Diretório publicado em 1971. O DGC amplia as reflexões sobre a catequese de adultos e apresenta algumas orientações metodológicas para a organização de tal atividade.

A catequese, como serviço eclesial, é de fundamental importância para a Igreja, pois ajuda a realizar o mandado missionário de Jesus. O DGC insere a catequese com adultos na ação evangelizadora e afirma que “é a principal forma de catequese, para a qual todas as demais, não por isso, menos necessárias, estão orientadas” (DGC 59). E o catecumenato não inspira apenas a catequese com adultos, como também, as demais modalidades da catequese (DGC 68).

É preciso atenção para que ao tratar dos adultos não se faça da catequese fragmentos separados, quando, na realidade, se faz necessário ter bem presente a complementariedade de todas as formas de catequese, visto que são ações complementares (DGC 72).

A catequese com adultos é ampla e se faz necessário levar em consideração a realidade em que vivem esses adultos, por isso os destinatários são diferenciados: adultos que desejam aprofundar a fé; adultos batizados e não catequizados; ou que não completaram a iniciação cristã, ou ainda, que se distanciaram da fé; adultos não batizados; adultos que provêm de outras confissões cristãs (DGC 172).

Não se pode esquecer a necessidade de uma cuidadosa identificação das características do cristão adulto, bem como, uma necessária atenção à pessoa do catequista e à sua formação. Levar em conta a situação concreta do adulto, sua

condição leiga, lembrar que pelo batismo, todos são chamados à santidade. A catequese com adultos precisa, ainda, despertar o envolvimento da comunidade, pois é ela que deve acolher o adulto. Todos esses dados levam à necessidade de um projeto de catequese orgânico, para que não seja uma caminhada isolada (DGC 173-174).

Ainda segundo o Diretório Geral, a catequese com adultos possui a tarefa de: propor a fé cristã, como a compreende a igreja; promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo; educar à justa avaliação das transformações socioculturais e na sociedade, à luz da fé; esclarecer as atuais questões religiosas e morais, bem como, as relações existentes entre a ação temporal e a eclesial; desenvolver os fundamentos racionais da fé; formar para a missão e capacitar para o testemunho (DGC 175).

A catequese com os adultos é via privilegiada de inculturação da fé. O Diretório incentiva a prática do catecumenato dos adultos segundo o RICA e afirma que o catecumenato batismal, como lugar típico da Catequese, deve estar estritamente vinculado à comunidade cristã (DGC 214, 256).

O número 258 do DGC recomenda a catequese pós-batismal em forma de catecumenato, destinado “a promover uma compreensão e vivência das imensas e extraordinárias riquezas e das responsabilidades do Batismo recebido” (DGC 258).

Com os números do Diretório Geral, aqui citados, é possível compreender o destaque que a catequese com adultos ganha e o espaço que surge nos documentos para tal reflexão. No Brasil, a Segunda Semana Brasileira de Catequese, tem como tema a catequese com adultos, buscando luzes e pistas de ação para concretizar este desafio nas dioceses e paróquias.

3.1.1 Com adultos, catequese adulta: 2ª Semana Brasileira de Catequese e o Diretório Nacional de Catequese

Embora seja comum nos documentos encontrar a terminologia “catequese de adultos”, como por exemplo, em CR 130, ou ainda, “catequese dos adultos” como em várias citações do DGC. A 2ª Semana Brasileira de Catequese - SBC, em 2001, opta pela nomenclatura “catequese com adultos” na intenção de chamar a “atenção

sobre a realidade do adulto como interlocutor e destinatário privilegiado da educação na fé” (Estudos da CNBB 80, p.8).

A proposta de mudança na nomenclatura, não quer ser apenas uma mudança linguística. Trata-se de uma nova maneira de compreender a catequese, que deve ser entendida como “dialogante, atenta para ouvir de verdade, falar de modo que possam entender-nos” (Estudos da CNBB 84, p. 525).

Por isso a expressão “catequese com adultos” assume uma amplitude não contemplada anteriormente. Na verdade “este ‘com’ quer sublinhar que catequese é diálogo, parceria, mesmo quando há diferenças no modo de pensar e agir” (Estudos da CNBB 84, p.526).

Trata-se, ainda, de uma mudança de visão, pois se busca ver no outro, não apenas alguém necessitado de formação e sim, um interlocutor com rosto, história, experiência, sabedoria e anseios próprios (Estudos da CNBB 84).

A escolha do tema da 2ª SBC justifica-se pelos seguintes motivos: insistência do Magistério para que a catequese com adultos seja prioridade; constatação prática da fraca iniciação cristã da maioria dos adultos e “a experiência positiva de formação bíblica e catequética provocada pelo Projeto Rumo ao Novo Milênio” (Estudos da CNBB 84, p.41).

Com esses motivos, percebe-se que a 2ª SBC torna-se atual e conectada à realidade da caminhada de renovação da catequese na Igreja. A intenção maior é a de dar mais atenção a um campo que deve ser levado em maior consideração por todas as “forças da Igreja quem é o adulto, no contexto complexo e desafiador do mundo em mudança e de uma Igreja muito questionada, neste começo de milênio” (Estudos da CNBB 84, p.42).

Não se pode esquecer a realidade em que se encontra o adulto católico que é chamado a dar testemunho de sua fé e cumprir sua missão. Os desafios são grandes: globalização; imenso mundo da comunicação; crise ética e moral; pluralismo religioso (Estudos da CNBB 84). Diante de tal cenário se percebe a urgência do “ser adulto na fé” (Estudos da CNBB 84, p. 44), por isso a 2ª SBC busca ser espaço de discussão e estudo, ciente de que é fundamentalmente urgente tornar conhecida “a Notícia da Salvação que Deus destina para todos” (Estudos da CNBB 84, p. 515).

Na conclusão da 2ª SBC cada Regional apresenta pistas de ação e todos assumem compromissos para que as reflexões continuem e a catequese com

adultos seja assumida como prioridade. Os passos são lentos, no entanto, as dioceses buscam, a seu modo, incentivar atividades para que os objetivos da 2ª SBC sejam alcançados.

No Diretório Nacional de Catequese (2006), a catequese com adultos é compreendida dentro do processo como iniciação à fé (DNC 13). Os adultos não são apenas destinatários e sim, interlocutores primeiros da mensagem cristã (DNC 181).

Assumir e priorizar a catequese com adultos traz, para a catequese como um todo, algumas consequências: revisão e ampliação da concepção e prática catequética que sempre esteve mais direcionada às crianças; formação de catequistas; metodologia específica; elaboração de subsídios de apoio; envolvimento pastoral dos adultos e acolhida por parte da comunidade (DNC 96). Não se pode esquecer a realidade dos adultos com suas experiências, e desenvolver nos catequistas, a capacidade para motivar os adultos à experiência da comunidade (DNC 182).

Para o Diretório Nacional, a missão principal da catequese com adultos é: reforçar a opção pessoal por Jesus Cristo; promover uma sólida formação dos leigos; estimular e educar para a prática da caridade; ajudar a viver a vida da graça; formar, cada pessoa, para cumprir os deveres do próprio estado de vida; dar respostas às dúvidas religiosas e morais; desenvolver os fundamentos da fé; educar para viver em comunidade; educar para o diálogo ecumênico e inter-religioso; ajudar na animação missionária (DNC 183).

É possível reconhecer a amplitude da missão da catequese com adultos, bem como, a diversidade dos adultos, aos quais, a mesma se dirige. Entretanto, é preciso começar repensar e organizar a catequese com adultos de acordo com novos parâmetros e as dioceses buscarem, à sua maneira, orientar suas forças para tornar a catequese com adultos uma prioridade e um caminho para ajudá-los a “crescer rumo à maturidade em Cristo” (Ef 4, 13).

3.1.2 Catequese com adultos e o discipulado

Termos como: “discípulos”, “discipulado”, “missionários”, são muito frequentes no Documento de Aparecida. Na verdade a própria conferência afirma que a ação evangelizadora da Igreja é “chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo” (DAp 1).

O sentido do termo “discípulo” é bastante amplo, porém, pode-se dizer que o mesmo, sempre ligado ao aprendizado, seguimento, educação, passa ao longo dos tempos por uma evolução na sua compreensão. Deixa de referir-se, apenas, ao “aprendizado de algum ofício, para a adesão a um modo de vida ou a um meio cultural” (PERUZZO, 2004, p.22). Nesse contexto a figura do discípulo passa a ser interpretada “sob o ângulo da relação pessoal com um mestre” (PERUZZO, 2004, p.22).

Importante para o discipulado é sempre a sua relação pessoal com o Mestre (PERUZZO, 2004). Por isso Aparecida insiste que é preciso promover o “encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo” (DAp 11), pois é este o mecanismo para “confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história” (DAp 11).

É importante destacar que, no caso de Jesus, a interação entre mestre e discípulo não se pauta apenas pelo companheirismo, ou ainda por uma grande admiração. O seguimento “é parte constitutiva do acolhimento de sua messianidade” (PERUZZO, 2004, p. 48).

O documento de Aparecida afirma que os primeiros discípulos sentem-se “atraídos pela sabedoria das palavras de Jesus, pela bondade de seu trato e pelo poder de seus milagres” (DAp 21). O desafio fundamental da Igreja é o de “mostrar a capacidade da Igreja de promover e formar discípulos que respondam à vocação recebida” (DAp 14) e comuniquem, com alegria e entusiasmo, o dom do encontro com Jesus Cristo.

Se o “discipulado é relação plena de adesão à pessoa de Jesus” (PERUZZO, 2004, p. 54) então é necessário recomeçar sempre “a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido” (DAp 41).

Por isso a Conferência assume a “grande tarefa de conservar e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo” (DAp 10).

Se “para além do ensinamento transmitido, o discipulado implicava em vida partilhada com o mestre” (PERUZZO, 2004, p. 22). Compreende-se que o discípulo é chamado a vincular-se intimamente com Jesus, para ser formado por Ele e

“assumir seu estilo de vida e suas motivações (Lc 6, 40b), viver seu destino e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas” (DAp 131).

Quando se fala em adesão, em seguimento, faz-se importante destacar que “não se trata, apenas, de uma adesão feita de afeição ideológica ou por congenialidade; o que é colocado em jogo é a própria liberdade pessoal do discípulo que adere” (PERUZZO, 2004, p.48).

Contudo, não se pode pedir uma adesão instantânea, como se fosse algo natural seguir, renunciar e aceitar estar com Jesus. Aparecida vai enfatizar que o discípulo deve ser conquistado. É sua admiração por Jesus, a certeza de ser amado por Ele, que desperta “uma resposta consciente e livre, desde o mais íntimo do coração do discípulo; uma adesão de toda sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome” (DAp 136).

O processo de tornar-se discípulo implica em “decisão livre e maturação, sempre difícil, mediante dinamismo de vinculação ao Senhor, cada vez mais exigente, empenhativa e totalizante” (PERUZZO, 2004, p. 48).

A decisão de responder positivamente ao chamado de Jesus e colocar-se no caminho do seguimento traz uma nova identidade que é assumida pelo seguidor: “ele passa a ser discípulo de Jesus” (PERUZZO, 2004, p. 48). Será o encontro com Cristo que constituirá o “início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos de discípulo” (DAp 243).

É preciso alimentar, constantemente, o encontro pessoal com Jesus. Por isso a “oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo” (DAp 255).

Outro dado importante no discipulado é que

“o seguimento a Jesus Cristo não era um mero dado religioso, vivido subjetivamente. Sua mensagem de solidariedade e de reconciliação, de obediência à vontade do Pai, de abertura acolhedora ao “pequeno” e ao “irmão” requeria dos seguidores comportamentos de caráter evangélico perante situações históricas que poderiam comprometer o caminho de quem se deixava fazer discípulo” (PERUZZO, 2004, 49).

Ou seja, “o discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente aos pobres e pecadores” (DAp 147).

Não se está diante de uma fé intimista, muito menos de uma fuga para um mundo alienado e distante da realidade. Pelo contrário, Aparecida afirma que “de

seu Mestre, o discípulo tem aprendido a lutar contra toda forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa Humana” (DAp 112).

O discipulado deve ser, segundo Aparecida, marcado pela alegria. Não se trata de uma atitude egoísta, pelo contrário, a alegria do discípulo é uma certeza que nasce da fé, é um remédio para o mundo agoniado, violento e marcado pelo ódio. Diante desse mundo triste, o discípulo é chamado para, alegremente, testemunhar a boa nova que nasce do amor, pois “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp 29).

Embora o Documento de Aparecida não tenha destacado o tema da catequese com adultos, as reflexões sobre o discipulado permitem traçar um projeto de catequese que ajude os adultos a darem a própria “resposta de fé e anunciar que Cristo redimiu todos os pecados e males da humanidade” (DAp 134).

Um projeto de catequese com adultos que se propõe ser um caminho para o discipulado precisa proporcionar o “nascimento” do discípulo. Importa lembrar que na origem do discipulado está o encontro com Jesus Cristo, vivo, ressuscitado e é esse encontro, aprofundado na catequese, alimentado na oração e manifestado na vivência sacramental e fraterna que dá origem ao discípulo (FRISULLO, 2011).

A proposta de catequese deve ajudar os adultos a encontrar-se com Jesus Cristo através:

- a) do acolhimento e meditação da Palavra de Deus, pois o “seguimento de Jesus é concebível somente com base na constante escuta da Palavra” (FRISULLO, 2011, p. 31);
- b) da vivência na comunidade dos discípulos que se desperta a consciência de pertença e reconhece que “o encontro com Cristo, graças à ação do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja, sacramento de Jesus Cristo” (FRISULLO, 2011, p. 31);
- c) de oração pessoal e comunitária intensa para que, no contato íntimo com o Mestre, o discípulo cresça na amizade. Sua oração “nasce da necessidade de contemplar o rosto do Mestre” (FRISULLO, 2011, p. 32);
- d) pela atenção especial aos pobres e excluídos, tendo sempre muito bem esclarecido que não se trata de simples sensibilidade humana diante das injustiças sociais, “mas de uma consequência essencial da nossa fé e do seguimento de Cristo” (FRISULLO, 2011, p. 33).

Uma catequese que se propõe ser de formação para o discipulado, deve estar atenta aos sinais que identificam o discípulo de Jesus Cristo. São eles:

- a) o discípulo é aquele que imita o mestre, pois encanta-se por ele, apaixonou-se, decide segui-lo e é capaz de renunciar a tudo, e disposto a encontrar-se com o seu Mestre e Senhor para dele aprender sempre mais (FRISULLO, 2011);
- b) o discípulo vive em comunhão eclesial, pois ao responder ao chamado pessoal para servir a Jesus Cristo reconhece que “não há discípulo sem comunhão” (FRISULLO, 2011, p. 34). Esmera-se em construir a comunhão e crescer na certeza de sua pertença a uma comunidade: “assume a missão da Igreja, em primeira pessoa, sentindo-se plenamente a Igreja, e não se concebe senão como Igreja” (FRISULLO, 2011, p. 35);
- c) o discípulo é convocado para a missão, pois sua vocação é ser missionário. Todo batizado precisa desenvolver a consciência de sua missão de anunciar e propor a novidade do Evangelho para que outros conheçam a Cristo (FRISULLO, 2011);
- d) o discípulo é pessoa de oração, pois sente a necessidade de pedir ao Mestre que lhe conceda uma fé comprometida, a capacidade de anunciar a mensagem do Evangelho e de caminhar na liberdade dos filhos de Deus e de “acompanhar os outros ao encontro de Jesus” (FRISULLO, 2011, p. 37).

Atenta ao desafio da catequese com adultos como processo de formação para o discipulado, tendo presente a realidade diocesana e as interpelações do Magistério, a diocese de Palmas – Francisco Beltrão inicia a construção de um projeto de catequese com adultos que busca envolver o clero e as lideranças paroquiais. Passa-se, a seguir, a apresentação desse projeto.

3.2 CATEQUESE COM ADULTOS: UMA PROPOSTA DIOCESANA DE FORMAÇÃO DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

O Documento de Aparecida, citando a SC 64, afirma o dever de recordar que “o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante e persuasivo o encontro vivo com Cristo” (DAp 290).

Tendo presente a importância da catequese no caminho formativo e a deficiência da mesma para com os adultos, a diocese de Palmas – Francisco Beltrão, percebe a necessidade de assumir, com tenacidade, a reformulação da catequese com adultos. Tal decisão se explica pelo fato de que, cada vez mais, cresce a procura pela catequese, de pessoas na idade adulta, e as paróquias agem de acordo com suas práticas e organização, porque não há um projeto em nível diocesano, para orientar as atividades.

Os desafios são muitos e as paróquias se organizam da melhor maneira possível para suprir as necessidades. É possível sintetizar a metodologia da catequese da seguinte maneira: organiza-se um período de formação, sempre muito flexível, pois os interessados não têm muito tempo para se dedicarem à catequese; confia-se a uma pessoa “competente”, por vezes um ministro da comunidade, ou até mesmo, uma professora aposentada, ou ainda, a algum leigo “mais esclarecido”, para que transmita algo da doutrina católica e, assim, prepare o candidato para receber os sacramentos. O material utilizado é, geralmente, o Catecismo da Igreja Católica e outros manuais que podem ajudar o catequista a transmitir os conteúdos.

A realidade da catequese com adultos na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, mostra a necessidade de organizar um sistema de iniciação cristã que ajude os adultos a compreender melhor a própria fé. Tal realidade faz recordar a recomendação da CNBB sobre a “necessidade de a comunidade cristã organizar e oferecer um sistema de iniciação cristã que resultasse em cristãos adultos” (Estudos da CNBB 82, p. 143).

A experiência da maioria indica para um processo deficitário e apressado, visto a urgência da recepção dos sacramentos da iniciação para a celebração do matrimônio. Percebe-se a necessidade de organizar a catequese como “processo vital que influenciasse a vida dos participantes, ajudando-os a adquirir hábitos cristãos e a cultivar valores evangélicos” (Estudos da CNBB 82, p. 143).

Considerando os objetivos da catequese com adultos: ser um tempo de conhecimento da proposta da vida cristã e ser um tempo de “treinamento para aquisição de hábitos cristãos” (Estudos da CNBB 82, p. 145). A diocese entende que necessita, portanto, de um projeto de catequese que coloque, em evidência, sua importância, sem, no entanto, deixar de responder às necessidades daqueles que procuram a comunidade paroquial e pedem os sacramentos.

Diz o Documento de Aparecida: “O caminho de formação do seguidor de Jesus lança suas raízes na natureza dinâmica da pessoa e no convite pessoal de Jesus Cristo” (DAp 277). Na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, a partir de 2011, a catequese com adultos começa a ser pensada dentro das exigências da Iniciação Cristã e passa a ser tema dos Conselhos Diocesanos de Pastoral (CDP). Reúne para a reflexão os párocos e lideranças paroquiais, tendo presente que a catequese com adultos precisa conduzir para a experiência do encontro com o amor do Pai que se revela em Jesus Cristo. Pois “quem se sente amado por Deus saberá depois passar a vida amando, saindo de si e servindo. Se não experimentarmos esse amor, não seremos capazes de amar” (Estudos da CNBB 82, 216). A diocese sente-se desafiada a ser para com a realidade dos adultos, Igreja do encontro, que apresente Jesus como o centro da fé e o compromisso comunitário e social de todo batizado.

3.2.1 Explicitação da proposta diocesana de uma catequese para o discipulado

3.2.1.1 Ano de 2011: estudo

O primeiro passo dado na diocese é apresentar o tema para estudo e discussão. Por isso a reunião do Conselho Diocesano de Pastoral (CDP) de junho de 2011 dedica-se, exclusivamente, ao estudo do tema da Iniciação à Vida Cristã, visto que se faz necessário ampliar a visão de catequese e resgatar o sentido de iniciação, pois “a iniciação cristã dá a possibilidade de uma aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo” (DAp 291). Destaca-se a necessidade de despertar a diocese inteira para a problemática da iniciação cristã, apontando caminhos a serem seguidos para que se possa tomar decisões importantes e, assim, reformular a catequese com adultos. (ARQUIVO CDAE, ATA CDP 06/2011).

A conclusão do CDP, em junho de 2011, é o pedido à coordenação diocesana da catequese para que esboce um projeto de catequese com adultos de estilo catecumenal.

A primeira constatação feita pela equipe de coordenação é a necessidade de uma boa preparação para os catequistas. Faz-se, então, necessário um período de formação para que os catequistas compreendam, não apenas os passos do projeto,

mas que, primeiramente, entendam o processo de mudança que acontece na catequese. Porém, não apenas os catequistas precisam de formação, vê-se a necessidade de que também a comunidade, de maneira especial as lideranças paroquiais, conheçam e estudem o projeto sobre a Iniciação Cristã.

Assim, é apresentada, ao CDP de outubro de 2011, a proposta de que no primeiro semestre 2012, se assumisse em toda a diocese, a formação para lideranças paroquiais sobre Iniciação Cristã e o RICA. E no segundo semestre, seriam formados os catequistas para trabalhar com a catequese com adultos. Os participantes do Conselho apresentam suas opiniões em relação à proposta e no final, a mesma foi aprovada e fica sob a responsabilidade da Coordenação Diocesana da Ação Evangelizadora, o preparo do material a ser utilizado, bem como, o esquema a ser seguido nas formações (ARQUIVO CDAE, ATA CDP 10\2011).

3.2.1.2 Ano de 2012: formação de lideranças nas paróquias e, especificamente, dos catequistas na diocese

Em 2012, a Coordenação Diocesana da Catequese apresenta ao clero, os temas propostos para a formação das lideranças paroquiais: O que é Iniciação Cristã; Por que Iniciação Cristã; O tema da Iniciação Cristã na Bíblia; O Tema da Iniciação Cristã na Comunidade Primitiva; Núcleo da Iniciação Cristã; Kerigma e Mistagogia; O que a Iniciação Cristã propõe para a Liturgia: Quais caminhos percorrer; O que significa para a comunidade, hoje, propor a Iniciação Cristã; Mudança de época; Íntima relação entre comunidade eclesial e Iniciação Cristã; Qual o alcance e a finalidade do Projeto: Evangelizar adultos; RICA: Metodologia de Inspiração Catecumenal (ARQUIVO CDAE).

No segundo semestre de 2012, é realizado com os catequistas um processo formativo, pois ao se pensar a reformulação da catequese com adultos, a preocupação se volta, também, para os catequistas responsáveis por esta catequese e, por isso, a diocese apresenta a proposta de formação para catequistas, organizada da seguinte maneira: Pré-Catecumenato: Finalidade: despertar a fé e conversão pessoal. Celebração da entrega da Palavra e Celebração do chamado – Rito de acolhida no Catecumenato – RICA 73-87 (adaptando à realidade local); Catecumenato: Finalidade: oportunizar à pessoa do Catequista a

experiência da revelação de Deus, através do encontro pessoal com Jesus Cristo. Celebração do seguimento de Jesus Cristo – rito de adesão, RICA, n. 89 (adaptando à realidade local); Purificação e Iluminação: Finalidade: inserir na Comunidade cristã, proporcionar experiência celebrativa dos ritos, de experiência sacramental, vivenciar compromisso com a comunidade. Celebração da entrega do símbolo. RICA n. 186-189; Catequese mistagógica: Finalidade: assumir o compromisso a partir da vivência sacramental. Celebração do envio – adaptação da celebração da assinalação. RICA n. 83-86. Tal esquema busca oferecer aos catequistas momentos de reflexão e espiritualidade para que possam ter maior consciência da dinâmica da catequese catecumenal. (ARQUIVO CDAE).

3.2.1.3 Ano de 2013: catequese de iniciação à vida cristã com adultos, em estilo catecumenal

O ano de 2013 é o momento de implantação, do agir. Em cada paróquia são organizados grupos de catequizandos adultos. A metodologia usada é a de inspiração catecumenal que segue os tempos ou etapas propostos pelo RICA (n. 9-40).

Os catequistas envolvidos no projeto (em número de 100) assumem os cerca de 400 catequizandos, em toda a diocese. Cada paróquia organiza seus grupos de catequese e, seguindo um cronograma apresentado pela diocese, realiza a caminhada de um ano com as turmas de catequizandos adultos.

A catequese deve ocorrer no período de um ano, ou seja, ter seu início no domingo de Pentecostes e o encerramento no Pentecostes do ano seguinte, a cada três encontros formativos era proposta uma celebração para resgatar o sentido litúrgico da catequese.

O documento de Aparecida diz: “é necessário propiciar o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã” (DAp 278a). Tanto no processo formativo dos catequistas, quanto no material preparado para os encontros de catequese, foi destacada a importância de favorecer o encontro com Jesus Cristo, tendo sempre presente a realidade de cada catequizando e de sua família.

O fundamento para o discipulado é a Palavra de Deus, e deve motivar o cristão para levar a Boa Nova aos outros (DAp 146). A meditação e a leitura da Palavra são colocadas no centro da catequese na tentativa de educar, catequistas e

catequizandos, no contato com a Sagrada Escritura para que “ela se converta em seu alimento para que, por experiência própria, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida” (DAp 247).

O documento de Aparecida apresenta a Leitura Orante, como forma privilegiada de leitura da Palavra de Deus, pois “favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo, semelhante ao modo de tantos personagens do evangelho” (DAp 249).

A prática da Leitura Orante é incentivada nos grupos de catequese; o material para os encontros é apresentado como método de oração para os encontros. Com isso a Bíblia passa a ser o ponto central do encontro, onde cada um é chamado a ler a Palavra de Deus e trazer para a vida seus ensinamentos.

Tendo em vista que a catequese busca sua inspiração no Catecumenato, são propostos os ritos contidos no RICA e que devem ser realizados a cada três encontros de formação.

Ao marcar a caminhada catequética com fortes momentos de liturgia comunitária, busca-se realizar uma experiência de introduzir o “cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais” (DAp 291).

Embora num primeiro momento as celebrações gerassem certo constrangimento, devido ao fato de que, os catequizandos adultos sentem-se incomodados com tanto destaque, elas se tornam espaço de encontro com Jesus Cristo e com a comunidade, chamados a celebrar o mistério pascal e, assim, penetrarem nos mistérios do Reino (DAp 250). Também a comunidade sente-se tocada pelos ritos que despertam interesse e cativam novos catequizandos. Por fim percebe-se que foi possível resgatar, com maior ênfase, o sentido da liturgia para a catequese, sendo esta, vista como um espaço de celebração da fé e participação da comunidade.

Tendo presente que para o DGC o adulto é o destinatário privilegiado da catequese, pois pode “contribuir eficazmente para o desenvolvimento da catequese” (DGC 157). Por isso, o catequista é chamado a promover no grupo de catequese “um estilo de diálogo, de compartilhamento e de corresponsabilidade cristã” (DGC 159).

Os catequistas são orientados para que se estabeleça entre os catequizandos um relacionamento de amizade que favoreça a partilha e o diálogo. Momentos de

confraternização com os demais grupos, bem como, com a família dos catequizandos, propiciam o surgimento de novas amizades.

É importante destacar ainda, em relação ao projeto, que o primeiro contato para a catequese com adultos, deveria ser com o padre. Em cada paróquia os catequizandos são encaminhados para um momento de conversa com o padre que ficava sendo o responsável, também por preencher os dados para inscrição do catequizando.

3.2.1.4 Ano de 2014: avaliação e consolidação da catequese com adultos

Após um ano de caminhada os catequistas são convidados para um momento de avaliação, em relação a todo o processo de catequese. O material utilizado para esta síntese encontra-se disponível na Coordenação Diocesana da Catequese em Francisco Beltrão.

Em relação à procura pela catequese, não mais se limita, à necessidade de recepção dos sacramentos, pois a curiosidade despertada com os ritos gerou o desejo de frequentar a mesma e levando outros a procurarem as comunidades paroquiais para iniciarem o processo catequético.

Foi possível perceber que, também as famílias dos catequizandos são atingidas por este novo processo, visto que passam a acompanhar os adultos e, aos poucos, se integram ao grupo de catequese e dele participam com entusiasmo.

As dificuldades surgidas não são obstáculos para que se perceba a importância do projeto. Em cada dificuldade se mostra ainda mais forte, a certeza de que a catequese com adultos, e por consequência todo o processo de catequese catecumenal, deve ser um processo personalizado, quase individual. Pois os que ainda pensam numa catequese puramente doutrinal, sem envolvimento pessoal e espiritual, percebem a impossibilidade de continuar.

A diocese elabora um roteiro para os encontros de catequese. Nesse roteiro são indicados os temas, objetivos, textos para a reflexão, bem como, indicações de bibliografia para o desenvolvimento do encontro. Ao final dos encontros formativos, cada catequista recebe os livros necessários para auxiliá-los no preparo da catequese.

Os subsídios, embora tenham gerado certo receio em relação à linguagem e dificuldades na compreensão, são de grande ajuda, sendo avaliados pelos catequistas como um instrumento de apoio acessível a todos.

A diocese assume com determinação esse novo modelo de catequese, embora haja algumas pessoas que preferem retornar ao processo antigo, por acreditarem que o novo método não responde às necessidades dos adultos que não desejam um caminho de catequese, mas apenas, receber os sacramentos.

Entretanto, a diocese se mantém firme na decisão de oferecer a quem procura a catequese na idade adulta, o processo de caminhada de um ano, em que a formação doutrinal vem marcada pela caminhada litúrgica, com os ritos próprios de passagem, visando ao crescimento da fé e da consciência cristã.

3.3 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A catequese, em especial a catequese com adultos, é chamada a ser caminho para o discipulado. Tendo sempre presente que discipulado é escola de aprendizado, de relação e tem por finalidade criar vínculo com o Mestre. Nesse contexto a catequese é desafiada a tornar-se espaço de encontro, de formação e de contato com a Palavra e a comunidade.

Nos documentos que tratam da catequese, é possível perceber um crescimento na compreensão e realização da catequese com adultos. Descobre-se a importância do adulto como interlocutor privilegiado e destinatário principal da catequese.

Não se podem deixar de lado os desafios que a catequese com adultos apresenta. Muito menos, é possível idealizar um processo instantâneo, sempre ascendente, onde tudo aconteça conforme o planejado. A formação é sempre dinâmica e não se pode esquecer a liberdade de cada pessoa.

O documento de Aparecida, embora não tenha se dedicado ao tema específico da catequese com adultos, evidencia pontos iluminadores para a mesma, quando trata do discipulado e da formação do discípulo.

Importa lembrar que toda a reflexão, se não encontrar um espaço para se tornar ação, corre o risco de ficar apenas no papel. Por isso, apresenta-se aqui, o projeto realizado na diocese de Palmas-Francisco Beltrão, como tentativa de concretização de uma catequese que pretende ser de Inspiração Catecumenal,

desde a formação dos catequistas, até a possibilidade de encontros que primam pela experiência e contato com a Palavra de Deus.

Não é um modelo acabado, fechado e, muito menos, definitivo. Os primeiros passos são dados na tentativa de buscar um caminho de formação para aqueles que, num primeiro momento, desejam apenas receber os sacramentos.

O projeto pensado, na diocese e com ajuda das lideranças, não parte de uma única iniciativa. Procura envolver o maior número de lideranças possíveis, mesmo não ligadas diretamente à catequese, para que a caminhada seja unitária.

Faz-se necessário destacar, também, que todo o projeto foi assumido pela diocese como prioridade, embora se tenha clareza de que nem por todos, com o mesmo entusiasmo e convicção. Mesmo assim, torna-se conhecido e desenvolvido, em toda a área de abrangência da mesma, com a introdução de uma nova metodologia de catequese com os adultos, e que os próprios catequistas se dizem novamente catequizados, pois ao preparar os encontros percebem que se aprofundam em questões de sua própria fé.

CONCLUSÃO FINAL

A catequese, como ação pastoral, é dinâmica. Embora, por vezes, possa estagnar, num método distante da realidade e da vida de seus interlocutores, o que resulta na perda de sentido e vivacidade.

Quando se fala em catequese, corre-se o risco de perder-se na teoria de grandes tratados, por isso, faz-se necessário ter diante dos olhos a realidade concreta onde a catequese se desenvolve.

Acompanhar o desenvolvimento histórico da catequese, na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, permite que se perceba um processo de crescente renovação, sem, no entanto, perder o que é fundamental na catequese: educar e transmitir a fé.

Observa-se um movimento crescente, embora lento, de renovação no modo de compreender a catequese. O auge desse movimento se encontra no Concílio Vaticano II, espaço de mudanças e novos rumos para a Igreja.

A recepção do Vaticano II, na catequese, é marcada pela insistência de fazer com que ela se volte para a vida, e favoreça a enculturação da fé. Na diocese de Palmas – Francisco Beltrão, a ASSESOAR mostra uma iniciativa positiva na busca por uma catequese atenta à realidade dos seus destinatários.

O Vaticano II abre espaço para o aprofundamento de questões importantes para a catequese e a Igreja, no Brasil, busca novas orientações e conteúdos que pautem uma catequese renovada. Embora timidamente, a iniciação cristã, começa a ser vista como caminho a ser seguido na busca de novos rumos para a catequese.

Ao propor a restauração do catecumenato (SC 64) o Vaticano II traz à tona um tema importante, não apenas para a catequese, mas também, para a Igreja como um todo. A iniciação cristã é assumida, com afinco, pelos documentos catequéticos e a Conferência de Aparecida, realizada em 2007 apresenta a iniciação cristã como tarefa irrenunciável para toda a Igreja (DAp 287).

A única certeza que parece compreensível é que não se deve pressupor que Cristo seja conhecido e aceito por todos (DAp 549). Faz-se necessário mudar, é preciso primar por uma catequese orientada para o discipulado (DAp 297).

Embora, teoricamente, estejam claros os passos a serem dados. Na prática, ainda não se compreende o que é necessário fazer, ou deixar, para que a dinâmica da iniciação permeie a catequese.

A compreensão sacramental da iniciação cristã parece ser a mais fiel ao próprio sentido da iniciação. De fato, segundo Caspani (2013), não se trata de minimizar a importância do processo formativo. E sim, procura-se resgatar o fio ordenador de todo o processo, ou seja, os sacramentos que realizam a iniciação. Como também, destacar a necessidade do catecumenato, como momento condutor e de abertura aos sacramentos.

Por isso que, embora na ótica da liturgia, Caspani (2013) sintetiza no modelo sacramental, a dinâmica da iniciação cristã e apresenta seus elementos fundamentais: os sacramentos e o catecumenato.

Ao pensar o catecumenato, as atenções se voltam para a catequese com adultos, compreendida como a dimensão privilegiada, para a qual devem ser orientados os melhores esforços (CR 130).

A 2ª SBC possibilita reconhecer os adultos como interlocutores num processo que os auxilia a crescer na fé e na maturidade em Cristo (Ef 4, 13) e pensar numa catequese destinada aos adultos, em busca de maior compreensão e de respostas diversas daquelas das crianças.

A dinâmica da iniciação permite pensar a catequese com adultos como formação para o discipulado, ou seja, espaço de encontro, convicção e adesão.

Não se trata de um processo mágico, mas sim um caminho de encontro que a exemplo dos discípulos de Emaús (Lc 24,14-35) leve o catequizando adulto a reconhecer Cristo e a participação alegre na comunidade.

Por fim a reflexão volta à diocese de Palmas – Francisco Beltrão para apresentar uma proposta de catequese voltada para o encontro e a experiência pessoal. A proposta de catequese com adultos, de inspiração catecumenal, mostra um caminho de crescimento para catequistas e catequizandos, em que a Palavra tem o destaque central e a doutrina é apresentada como uma proposta da Igreja para aqueles que aceitam dela fazer parte.

A pesquisa permite partir da realidade concreta do desenvolvimento histórico da catequese, num crescente processo de renovação que compreende a iniciação cristã, como caminho de formação e experiência pessoal, de encontro e adesão a Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

Fontes

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** São Paulo: Paulinas, 2007

_____. **Manual de Catequética.** São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **A Caminho de um novo paradigma para a catequese: III semana latino-americana de catequese.** Brasília: Edições CNBB, 2008.

CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO. **Querigma e mistagogia: caminhos à iniciação cristã.** Diocese de Osasco. São Paulo: Paulus, 2011.

CNBB. **Catequese renovada.** São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Com adultos, catequese adulta.** São Paulo: Paulus, 2001. (Estudos da CNBB n. 80).

_____. **O Itinerário da fé na iniciação cristã de adultos.** São Paulo: Paulus, 2001. (Estudos da CNBB n. 82).

_____. **Segunda semana brasileira de catequese.** São Paulo: Paulus, 2001. (Estudos da CNBB n. 84).

_____. **Diretório nacional de catequese.** Brasília: Edições CNBB, 2006.

_____. **Iniciação à vida cristã.** Brasília: Edições CNBB, 2009. (Estudos da CNBB n. 97).

_____. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental.** Brasília: Edições CNBB, 2009

_____. **Catequese caminho para o discipulado: texto-base ano catequético nacional- 2009.** Brasília: Edições CNBB, 2009.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil (2011-2015).** Brasília: Edições CNBB, 2011

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações.** Petrópolis: Vozes, 1968

_____. *CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968

_____. *DECLARAÇÃO GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968

_____. *DECLARAÇÃO NOSTRA AETATE*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968

_____. *DECRETO AD GENTES*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968

_____. *DECRETO CHRISTUS DOMINUS*. In KLOPPENBURG, Frei Boaventura. (org) **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese**. São Paulo: Paulinas, 2002

JOÃO XXIII. **Discurso Gaudet Mater Ecclesia (1962)**. In ALMEIDA, Antônio José de. **Lumen Gentium**: a transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005.

JOÃO PAULO II. **A catequese hoje**: Exortação apostólica “*Catechesi Tradendae*”. São Paulo: Paulinas, 1982.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**: Exortação apostólica do Sumo Pontífice sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual da Iniciação Cristã de Adultos**: tradução portuguesa para o Brasil da edição típica. São Paulo: Paulinas, 2003.

Bibliografia

ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

ALMEIDA, Antônio José de. **ABC da Iniciação Cristã**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Lumen gentium**: a transição necessária. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Metodologia de inspiração catecumenal**. *Revista de Catequese*. UNISAL, n. 129, 2009. p.48-51

BÉGUERIE, Philippe; PIGÉ, Michele. **Il Catecumenato, cammino di vita**. Bologna: EDB, 2002.

BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Bauru: EDUSC, 1998.

BENAVIDES, Luiz M. **SOS catequese: em busca de novos rumos**. Aparecida: Editora Santuário, 2013

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **A vivência comunitária como imperativo da fé cristã**. In CNBB. **Igreja, comunidade de comunidades: experiências e avanços**. Agenor Brighenti e Brenda Carranza (org.). Brasília: Edições CNBB, 2009. p. 37-45.

BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco; VILELA, Magno. **A catequese na vida da Igreja: notas de história**. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOURGEOIS, Henri. **Teologia catecumenale: a proposito dela “nuova” evangelizzazione**. Brescia: Queriniana, 1993.

BRIGHENTI, Agenor. **A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **A desafiante proposta de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Para compreender o Documento de Aparecida**. O pré-texto, o con-texto e o texto. São Paulo: Paulus, 2008.

CASPANI, Pierpaolo. **Renascer da água e do espírito: batismo e crisma, sacramentos da iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.

CAVALLOTTO, Giuseppe. **Catecumenato antico: diventare cristiani secondo i padri**. Bologna: EDB, 1996.

_____. **Iniziazione Cristiana e catecumenato: divenire cristiani per essere battezzati**. Bologna: EDB, 1996.

COSTA, Rosemaray Fernandes da. **Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais**. São Paulo: Paulus, 2014.

FLORISTÁN, Cassiano. **Il Catecumenato**. Roma: Borla, 1993.

_____. **Catecumenato : história e pastoral da iniciação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRISULLO, Vicente. **Discípulos catequistas**. São Paulo: Paulinas, 2011.

GEVAERT, Joseph. **Prima Evangelizzazione**. Torino: Elle Di Ci, 1990.

_____. **O primeiro anúncio:** finalidades, destinatários, modalidades de presença. São Paulo: Paulinas, 2007

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX.** São Paulo: Loyola, 2002.

LELO, Antonio Francisco. **A Iniciação Cristã:** catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Pedagogia catecumenal:** moda ou herança? **Revista de Catequese.** UNISAL, n.125, p.6-16.

_____. **Catequese com estilo catecumenal.** São Paulo: Paulinas, 2008.

LIMA, Luiz Alves de. **Paisagem, gênese e significado do documento Catequese Renovada:** novas perspectivas. In Mauro Passos (org.) **Uma História no Plural:** 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999. p.115-174.

_____. **A iniciação cristã ontem e hoje:** história e documentação atual sobre a iniciação cristã. **Revista de Catequese.** UNISAL, n. 126, 2009. p. 6-22.

_____. **Catequese a serviço da iniciação cristã:** reflexões em torno do tema central da 3ª semana brasileira de catequese. **Revista de Catequese.** UNISAL, n.128, 2009. p. 15-25.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Catequese católica no Brasil:** para uma história da evangelização. São Paulo: Paulinas, 1992.

NENTWIG, Roberto. **Iniciação à comunidade cristã:** a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013.

NERY, Irmão. **Catequese com adultos e catecumenato:** história e proposta. São Paulo: Paulus, 2001.

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. **O movimento catequético no Brasil.** São Paulo: Dom Bosco, 1980.

_____. **O movimento catequético brasileiro saindo das sombras:** o impulso do Vaticano II. In Mauro Passos (org.) **Uma História no Plural:** 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999. p.61-114. 2009.

PASSOS, Mauro. **Os contornos do movimento catequético:** invenção dos catecismos. In Mauro Passos (org.) **Uma História no Plural:** 500 anos do movimento catequético brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 33-60.

PERUZZO, José Antonio. **A relevância do discurso comunitário (Mt 18,1-35) para o tema mateano do discipulado.** Tese de doutorado. Roma: Pontificiam Universitatem S. Thomae, 2004

_____. **Catequese e Querigma. Revista de Catequese.**
UNISAL, n.129, p. 29-34. 2010.

QUEIROZ, José J. **Interfaces do Sagrado: em véspera do milênio.** São Paulo: CRE PUC SP/Olho d'água, 1996

ROCHA, Geraldo Lyrio. **Recordar o passado, compreender o presente, projetar o futuro: abertura da 3ª Semana brasileira de catequese. Revista de Catequese.**
UNISAL, n.128, 2009. p. 6-8.

ROCCHETTA, Carlo. **Cristiani come catecumeni: Rito dell'iniziazione cristiana degli adulti.** Roma: Edizioni Paoline, 1984.

SÁ, Pe. Janison. **A iniciação cristã no catecismo da Igreja Católica.** In Antonio Luiz Catelan Ferreira (org.) **Os 20 anos do Catecismo da Igreja Católica e o ano da fé.** Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 513-537.

SILVA, Sérgio. **A missão do catequista.** São Paulo: Paulinas, 2007

VILLEPELET, Denis. **O futuro da catequese.** São Paulo: Paulinas, 2007.

Documentação e arquivos

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS, ORIENTAÇÃO E ASSISTÊNCIA RURAL **A História da ASSESOAR (1981).** Biblioteca da ASSESOAR em Francisco Beltrão – PR.

COORDENAÇÃO DIOCESANA DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA DIOCESE DE PALMAS – FRANCISCO BELTRÃO. **Atas dos conselhos, avaliação do processo de catequese com adultos.** Arquivos em Francisco Beltrão – PR.

CÚRIA DIOCESANA DE PALMAS – FRANCISCO BELTRÃO. **Dados históricos da diocese, correspondência dos bispos.** Arquivos da Mitra Diocesana na cidade de Palmas – PR.

DOM AGOSTINHO JOSÉ SARTORI, **Carta aos padres da diocese (02/1976).** In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO.** Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Carta aos catequistas (08/1981).** In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO.** Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Decreto (05/1987).** In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO.** Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Carta aos catequistas (08/1994)**. In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO**. Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Carta pastoral (06/1996)**. In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO**. Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Mensagem em comemoração aos 50 anos da CNBB (11/2002)**. In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO**. Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Carta aos catequistas (08/2003)**. In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO**. Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

_____, **Entrevista em 2003**. In BITTENCOURT, Luiz Carlos. **VOZ ESCRITA DE DOM AGOSTINHO**. Palmas: Berzon Editora Gráfica, 2008.

MENDES, Adilson Miranda; RODRIGUES, Eloyna Ribas; FILHO, João Paulo Rocha. **Dom Carlos Eduardo de Sáboia Bandeira de Mello: biografia documental**. Palmas: CPEA, 2002.

SCHNEIDER, Tompson Eloi, **Documentação histórica alusiva à diocese e à Dom Agostinho José Sartori**, Tomo 1. Palmas: CPEA, 2009